



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LÍVIA ALVES DE AMORIM DA COSTA

**A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO/LETRAMENTO DE UMA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO
INFANTIL: PRIORIZANDO AS PRÁTICAS INFORMAIS E COTIDIANAS**

Brasília
2025

Livia Alves de Amorim da Costa

**A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO/LETRAMENTO DE UMA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO
INFANTIL: PRIORIZANDO AS PRÁTICAS INFORMAIS E COTIDIANAS**

Trabalho Final de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

Brasília

2025

CIP - Catalogação na Publicação

A838p Alves de Amorim da Costa, Livia .
 A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO/LETRAMENTO DE UMA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO
INFANTIL: PRIORIZANDO AS PRÁTICAS INFORMAIS E COTIDIANAS /
Livia Alves de Amorim da Costa;

 Orientador: Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.
Brasília, 2025.
63 f.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia)
Universidade de Brasília, 2025.

 1. Educação Infantil. 2. relação família-escola. 3.
práticas de letramento. 4. criança com Altas Habilidades. I.
Ferraz de Castillo Dourado Freire, Sandra, orient. II.
Título.

Monografia de autoria de Livia Alves de Amorim da Costa, intitulada “A participação da família no processo de alfabetização/letramento da criança na Educação Infantil priorizando as práticas informais e espontâneas”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade Brasília, em 05/12/2025, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire – Orientadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Dra. Sheyla Gomes de Almeida – Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Dra. Luciana Dantas de Paula – Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Juliana Galvão Fonseca – Suplente
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento

Brasília

2025

Dedico esta monografia à minha família: a meu pai, Rubinaldo, pois mesmo sem sequer ter entrado numa escola, valorizava a educação; ao meu irmão, Jean, que sempre esteve comigo e acreditou em mim; e à minha mãe, Lêda, que me deu confiança para viver e nunca mediu esforços para que eu pudesse realizar meus sonhos. Não tive medo, porque fui amada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que iluminou a minha trajetória de vida, me sustentou nos momentos difíceis e me abençoou com essa conquista. Sem Ele eu jamais teria conseguido, pois dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas.

À minha família, que é meu alicerce, em especial ao meu irmão e à minha mãe, por terem acreditado em mim e nos meus sonhos, por terem me dado apoio e segurança afetiva, emocional e financeira para que eu pudesse cursar Pedagogia com excelência.

À minha melhor amiga, Elisa, que sempre esteve do meu lado, nos momentos felizes e difíceis da graduação, assim como na vida. Vivenciou junto a mim a realização do meu sonho, acreditou em mim quando eu já não acreditava e me inspirou todos os dias. Sua amizade é meu porto seguro.

Agradeço a melhor amiga e companheira de curso que a Pedagogia poderia me oferecer, Nádia, que dividiu comigo as dificuldades da graduação desde o princípio, sua ajuda e incentivo fizeram com que eu chegasse até aqui. Obrigada pelas conversas, apoio e parceria.

À Universidade de Brasília, que me ofereceu mais do que conhecimento, proporcionou experiências transformadoras e enriquecedoras, me apresentou com amigos maravilhosos e ressignificou minha visão de mundo.

Aos docentes do curso de Pedagogia, que se tornaram minha maior inspiração em busca de uma educação emancipadora. Obrigada por demonstrarem a importância da educação pública, gratuita e de qualidade.

À minha professora orientadora, Sandra Ferraz, por ter acolhido a minha ideia, pelo suporte oferecido em todos os momentos, pelas suas correções e incentivos. É com muita admiração e carinho que expresso meus agradecimentos por ter sido minha orientadora de maneira tão gentil e paciente.

A todos que, de alguma forma, tornaram possível minha entrada no curso de Pedagogia, que me inspiraram a escolher esse curso, que sustentaram minha trajetória e colaboraram para minha formação como pedagoga.

Muito obrigada!

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”

Provérbio Africano

RESUMO

Este estudo busca analisar a participação da família no processo de alfabetização/letramento de uma criança com Altas Habilidades/Superdotação na Educação Infantil priorizando as práticas informais e cotidianas, considerando as práticas desenvolvidas no contexto familiar que apoiam e potencializam esse processo. O objetivo geral é investigar os processos de alfabetização/letramento emergentes na Educação Infantil a partir da relação família-escola, priorizando a voz da família no processo. A pesquisa apresenta um estudo de caso, focalizando a experiência de uma criança sob a perspectiva de uma abordagem qualitativa, que valoriza os significados atribuídos pela criança e pela família, buscando compreender os fenômenos relatados. Trata-se também de uma pesquisa de natureza narrativa, constituída a partir de uma entrevista realizada com a mãe da criança, que reflete a valorização dos sujeitos por meio de sua subjetividade e das significações que atribuem aos acontecimentos de sua trajetória. O referencial teórico deste estudo apoia-se nas contribuições de Emília Ferreiro, Paulo Freire, Magda Soares e Vygotsky, que sustentam a análise pedagógica proposta. Ressalta-se a importância de uma relação entre escola e família pautada na escuta sensível e no respeito mútuo, visando o desenvolvimento integral da criança, através de uma educação comprometida com a formação crítica. A pesquisa demonstra a relevância das práticas emergentes de alfabetização/letramento realizadas pela família para o desenvolvimento das aprendizagens da criança. Este trabalho contribui para ampliar o conhecimento sobre práticas emergentes no processo de alfabetização/letramento, incentivar a parceria entre família e escola e apontar caminhos para futuras pesquisas.

Palavras-chave: Educação Infantil; relação família-escola; práticas de letramento; criança com Altas Habilidades.

ABSTRACT

This study aims to analyze the family's participation in the literacy process of a gifted child in early childhood education, prioritizing informal and everyday practices, considering the practices developed in the family context that support and enhance this process. The general objective is to investigate the emerging literacy processes in early childhood education from the family-school relationship, prioritizing the family's voice in the process. The research presents a case study, focusing on the experience of a child from a qualitative approach, which values the meanings attributed by the child and the family, seeking to understand the reported phenomena. It is also a narrative research, constituted from an interview conducted with the child's mother, which reflects the valuing of subjects through their subjectivity and the meanings they attribute to the events of their trajectory. The theoretical framework of this study is based on the contributions of Emilia Ferreiro, Paulo Freire, Magda Soares, and Vygotsky, which support the proposed pedagogical analysis. The importance of a school-family relationship based on sensitive listening and mutual respect is highlighted, aiming at the child's integral development through an education committed to critical thinking. The research demonstrates the relevance of emerging literacy practices carried out by the family for the child's learning development. This work contributes to expanding knowledge about emerging practices in the literacy process, encouraging partnerships between family and school, and pointing the way for future research.

Key-words: Early childhood education; family-school relationship; literacy practices; gifted children.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
I PARTE – Memorial Acadêmico	
Trajetória pessoal e acadêmica: iluminando meu caminho	15
II PARTE – Introdução	20
CAPÍTULO 1. Percurso Metodológico Do Estudo	26
1.1 Participante e Contexto	27
1.2 Métodos e Instrumentos	28
1.3 Metodologia de Análise	28
CAPÍTULO 2. O Caso Hannah	
2.1 Descrição da Hannah	30
2.2 Trajetória de aprendizagem e das práticas de leitura e escrita	31
2.3 Sobre a relação família-escola no processo de alfabetização/letramento	36
2.4 Sobre os aspectos socio-relacionais e da subjetividade	38
CAPÍTULO 3. Fundamentação Teórica	40
3.1 Alfabetização e letramento: como são os processos e quem participa?	44
3.2. Marco legal em torno do nosso problema.....	45
3.2.1 Alfabetização e Letramento	46
3.2.2 A importância da relação família-escola	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
III PARTE – Perspectivas Profissionais	
Expectativas para o meu futuro profissional.....	59
APÊNDICES	61
ANEXOS	62

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição dos estudantes na escala de proficiência nos países/economias selecionados em Leitura – PISA 2022.....	22
--	----

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro De Entrevista	61
--	----

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento.....	62
---------------------------------------	----

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa trata-se de uma monografia de Trabalho Final de Curso de graduação em Pedagogia pela Universidade de Brasília.

Apresenta como tema **“A participação da família no processo de alfabetização/letramento de uma criança da educação infantil: priorizando as práticas informais e cotidianas”**, trazendo como objetivo principal investigar os processos de alfabetização/letramento emergentes na Educação Infantil a partir da relação família-escola, priorizando a voz da família no processo, destacando sua relevância para a área de educação.

O trabalho está organizado inicialmente em duas partes, o memorial acadêmico e a introdução, posteriormente se divide em três capítulos: Percurso Metodológico Do Estudo; O Caso Hannah e Fundamentação Teórica. Por fim, as Considerações Finais.

PARTE I

Memorial Acadêmico – Lívia Alves de Amorim da Costa

Trajatória pessoal e acadêmica: iluminando meu caminho

Renda-se, como eu me rendi.
Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.
Não se preocupe em entender,
viver ultrapassa qualquer entendimento.
- Clarice Lispector

Este memorial acadêmico representa a materialização da minha trajetória pessoal e institucional, refletido a partir das experiências sociais e familiares vivenciadas durante o meu percurso da vida. Experiências que traduzem as escolhas que foram ponto de partida para o início de uma jornada acadêmica de pertencimento. A partir de uma narrativa que, sobretudo, evidencia minha identidade como mulher, filha, irmã e discente, construída de uma maneira não tão sólida, mas cercada da certeza de que sou capaz. Por isso, ilumino o meu caminho, através desse texto, que me permite não só retomar cronologicamente às minhas memórias, mas reviver sentimentos, memórias e afetos que moldaram minha história pessoal e minha trajetória acadêmica na Pedagogia, unindo vivências às aprendizagens.

Trajatória Pessoal e Acadêmica

Nasci na Ceilândia – Brasília, no dia 4 de fevereiro de 2003. Sou a caçula, em uma casa que viviam eu, minha mãe, meu pai e meu irmão mais velho. Meu lar não era estável, haviam muitas dificuldades, visto que meu pai era alcoólatra, conseqüentemente, desencadeavam-se os problemas financeiros, por isso, aos meus 3 anos, minha mãe precisou voltar a trabalhar, a minha criação dependia de babás, colegas da família ou do meu irmão mais velho, apesar da falta da presença paterna e materna, meu irmão sempre me deixou segura, fazendo mais que o seu papel e, muitas vezes, abrindo mão de si mesmo pela nossa família. Ele foi e continua sendo o meu maior exemplo, me fez crescer independente, mas eu tinha para onde voltar quando precisasse.

A minha família paterna é do Pernambuco, minha família materna do Piauí, ambos na região Nordeste. As duas famílias vieram para Brasília em busca de melhores oportunidades, ocasionando, por serem vizinhos, no casamento. Meu pai não possuía escolarização, a prioridade, na época, era o sustento da família, trabalhar era indispensável para ajudar a mãe

com os irmãos mais novos, o que o fez ser autônomo durante toda a vida, sua ocupação era vender frutas nas ruas, de caminhão. Em contrapartida, minha mãe concluiu o Ensino Médio, minha vó prioriza os estudos e não permitiu o trabalho antes da maioridade, apesar disso, o sonho da minha mãe era trabalhar para dar melhores condições aos meus avós, especialmente podendo proporcionar móveis e utensílios domésticos para fazer a alegria da minha avó. As duas famílias eram humildes e acabaram se aproximando ao longo do tempo. O meu irmão ingressou na Universidade de Brasília, quando concluiu o Ensino Médio, mas optou por realizar outro curso na rede privada de Educação Superior. O incentivo aos estudos sempre foi presente na minha vida, apesar disso, as minhas escolhas sempre foram respeitadas, não haviam cobranças e pressões desnecessárias que me traziam angústia, pelo contrário, a independência e confiança que eu demonstrava deixavam a minha trajetória escolar mais leve, bem como a trajetória acadêmica.

Durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, a escola, para mim, era um espaço de acolhimento e liberdade, estar com as professoras e os colegas me renovava e, de certa forma, me faziam esquecer por algumas horas o tormento vivenciado em casa. A infância é uma etapa fundamental para o desenvolvimento humano, na infância moldamos nossa identidade e existem diversas variáveis que afetam diretamente os nossos comportamentos como e quando adultos, especialmente no contexto familiar, espaço que deve proporcionar segurança, estabilidade e afeto. Infelizmente, para mim, foi um espaço confuso e instável, apesar disso, não busco entender, acredito no meu propósito e, hoje, o meu objetivo é curar as minhas feridas, para mim e para os outros. Apesar disso, minha infância, especialmente em idade escolar, foi vivenciada de maneira integral, em todos os espaços eu tinha oportunidade de conviver com outras crianças, as brincadeiras eram um refúgio da realidade e me traziam alegria. Durante essa etapa, convivi muito com os colegas da rua e com as minhas primas, com idades parecidas, essa realidade me remete às lembranças de como é ser criança. No contexto escolar, especificamente na fase de alfabetização, uma professora foi fundamental nesse processo, é imprescindível recordar-me dela se tratando da minha trajetória escolar, o sentimento de afeto e acolhimento são inesquecíveis, uma criança precisa se sentir confiante e capaz, adultos que reforçam a capacidade das crianças são necessários durante o desenvolvimento.

O período dos anos iniciais foi, ao mesmo tempo, desafiador e reconfortante. Apesar dos problemas vivenciados em casa, minha família e pessoas especiais no meu caminho despertaram a minha autenticidade, professoras queridas e sensíveis notavam as necessidades e

desafios que eu enfrentava, a relação intimista, mas não invasiva, das professoras que cruzaram o meu caminho, me fizeram criar um carinho mais que especial por essa profissão, desde criança o meu olhar é carinhoso e de admiração para os profissionais de educação, especialmente as professoras que foram indispensáveis para a minha formação e escolha acadêmica. Além disso, no final dos anos iniciais, conheci a professora que foi muito significativa para o meu futuro, nosso diálogo e troca eram singulares, para além do contexto escolar, era uma conexão que me enxergava como menina, que iria se tornar uma mulher, essa especificidade, quando você é criança e o seu corpo está começando a mudar, em uma sociedade misógina, despertou o sentimento de inclusão.

A minha participação nos anos finais do Ensino Fundamental era muito ativa, a integração com a escola e os colegas foi muito característica desse período para mim. Houveram alguns momentos marcantes, especialmente envolvendo projetos, apresentações e gincanas. Atividades que sempre gostei muito de participar. Entre eles, ao final do Ensino Fundamental, desenvolvíamos o ‘projeto cinema’, que consistia em criar um curta-metragem, escolhendo um tema pertinente e relevante da sociedade contemporânea. O tema escolhido entre mim e os meus colegas foi racismo e violência policial na periferia. O projeto possibilitou o estímulo à criatividade, a reflexão crítica e as relações interpessoais. O meu percurso escolar foi marcante, muitas lembranças positivas circundaram a decisão de escolher a Pedagogia, na escola eu podia ser comunicativa e criar laços de amizade com os colegas e os professores, características que me descrevem: comunicação e amizade. Esses momentos me aproximavam cada vez mais da área da educação. Em geral, apesar de existirem matérias que despertavam maior interesse de aprendizagem, eu não possuía grandes dificuldades no contexto escolar. Adquiri responsabilidade em relação aos estudos desde nova. À medida em que os anos foram passando, aprendi a lidar melhor com as adversidades.

No Ensino Médio, momentos de pressão e decisão em relação a Educação Superior, minha única certeza era que eu gostaria muito de estudar na Universidade de Brasília, não havia plano B. A partir do primeiro ano, tinha o compromisso de estudar para os vestibulares, mesmo sem a certeza do Curso. No segundo ano, comecei a trabalhar na Câmara dos Deputados como menor aprendiz, espaço que era flexível para os estudos. Durante esse tempo, meu pai teve um AVC. Apesar de não ter estudado, meu pai sempre reconheceu os estudos como necessários, e se orgulhava ao falar das conquistas escolares/acadêmicas dos seus filhos, mesmo sem saber escrever o próprio nome, ele valorizava os nossos estudos e sabia a importância da educação.

Infelizmente, o perdi antes que pudesse ver eu me formar, apesar disso, continuo o meu caminho, também, por ele. Já no terceiro ano, iniciou a pandemia de Covid-19, onde havia necessidade do isolamento social, aproveitei esse tempo para estudar e focar no ingresso acadêmico. Quando refleti, de fato, sobre a escolha do Curso, pensei nas minhas motivações. Em todas as etapas da Educação Básica, sempre existiram professores que de alguma forma, foram marcantes para mim e no meu percurso, que me despertavam admiração pessoalmente e profissionalmente e que valorizaram o ato de lecionar. Nesse momento, em que já sabia que escolheria a Licenciatura, cogitei entre dois cursos, entretanto, conclui que Pedagogia seria a escolha final, especialmente pela relação com a infância. Devido a pandemia, a última etapa do vestibular atrasou, causando angústia, apesar disso, o prazo de estudos era maior, então eu me dediquei inteiramente ao meu sonho.

Após esse processo, o resultado finalmente saiu, eu não poderia estar mais feliz, orgulhosa e completa. Era o início da concretização de um sonho. O primeiro semestre foi realizado de forma remota, ainda por conta da pandemia, entretanto eu me identifiquei com o curso de imediato, nunca existiu espaço para dúvidas da minha escolha, eu estava exatamente onde eu queria estar, fazendo o que eu queria fazer, desenvolvendo pensamento crítico e reflexivo a partir do desenvolvimento humano, do contexto escolar, da infância e das relações, o senso de justiça e igualdade despertou em mim. Quando começaram as aulas presenciais, o sentimento era de pertencimento. A UnB me proporcionou uma visão humanizada e empática perante a sociedade. Apesar de ser uma fase difícil, de abdicar, cansaço e renúncias, sinto que cada segundo vale a pena. Eu valorizo muito a oportunidade de fazer parte da universidade pública. Os professores são excepcionais, é uma dádiva observá-los no processo de ensino-aprendizagem.

Durante a graduação no Curso de Pedagogia, houveram disciplinas que me encantaram, despertaram interesse e curiosidade, e me fizeram refletir e ampliar a visão sobre a Pedagogia e seus espaços de atuação, assim como, as necessidades, desafios e objetivos da atuação pedagógica em diferentes contextos. Destacam-se, dentre essas disciplinas, o processo de desenvolvimento humano, de acordo com a Psicologia da Educação, e os processos de alfabetização. Passei a compreender que a infância necessita de estímulos familiares significativos nesses processos. A partir de minhas vivências e desses interesses relacionados à aprendizagem, desenvolvo minha pesquisa de Trabalho Final de Curso. Nesse contexto, o presente trabalho enfatiza a alfabetização/letramento emergente durante a etapa da Educação

Infantil e as potencialidades e dificuldades da relação da família nesse processo. O núcleo familiar é essencial durante o desenvolvimento da criança, a estabilidade também se dá a partir da valorização da educação. A participação ativa da família no processo de alfabetização desperta maiores interesses para as crianças em todos os seus contextos sociais e de aprendizagens, especialmente, a importância da prática da leitura. Discuto esse tema a partir da percepção de que a família é um pilar essencial para a formação integral do sujeito. Evidencio a necessidade da alfabetização para as crianças, visto que, hoje percebo a dificuldade social das pessoas que não são alfabetizadas plenamente, incluindo os preconceitos enfrentados por elas. A infância, portanto, é o chão que pisamos a vida inteira, e a alfabetização é parte importante dela.

Este memorial é a representatividade da minha história e trajetória, para além do contexto escolar e acadêmico, remete as lembranças mais significativas do meu percurso, as vivências mais pessoais e relevantes que me descrevem e moldaram quem eu me tornei. Sigo com o sentimento de orgulho, confiante e decidida das minhas escolhas. A finalização de uma etapa tão importante é a materialização da aprendizagem, o Trabalho Final do Curso perpassa entre o vivido e o aprendido, com a certeza de que a educação transforma as pessoas e, conseqüentemente, o Mundo.

PARTE II

Introdução

Diante da importância da parceria entre família e escola para o desenvolvimento infantil, a presente pesquisa tem como tema a participação da família no processo de alfabetização/letramento da criança na Educação Infantil priorizando as práticas informais e espontâneas. A pesquisa se delimita à análise da relação família-escola no processo de alfabetização/letramento na Educação Infantil e nas práticas desenvolvidas no contexto familiar que auxiliam nesse processo.

As práticas que almejo discutir têm como foco a primeira etapa da Educação Básica, que contempla as crianças de zero a cinco anos, integrantes da Educação Infantil. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394/96, expresso no Art.º 29, “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, 1996, on-line) e divide-se em duas etapas: creche e pré-escola. Percebe-se que a legislação brasileira reconhece o papel da instituição educativa como complementar à ação da família e da sociedade. Dessa forma, a relação entre família e escola deve ser de parceria e proximidade, tendo como objetivo central o desenvolvimento integral de seu sujeito em comum: a criança.

Conforme explicitado no memorial acadêmico, é evidente a importância da participação da família no processo de ensino da criança. A família é o alicerce principal e as suas práticas e estímulos podem incentivar o interesse da criança na sua própria aprendizagem. Por isso, acredito que a relação entre família e escola é essencial para a formação integral do sujeito, além de destacar a necessidade de uma educação para todos, baseada na perspectiva que a família tem papel fundamental para viabilizar esse direito. O processo de alfabetização é imprescindível para o convívio e as relações sociais, visto que desenvolve habilidades de comunicação, leitura e interpretação que são indissociáveis da vida em sociedade.

No estágio obrigatório realizado na Educação Infantil, observei que a pré-alfabetização/letramento perpassa entre o contexto educacional e familiar, ocorre de maneira indireta e nas ações cotidianas das crianças, a alfabetização/letramento acontece

nas práticas informais e espontâneas, a partir dos próprios interesses das crianças e respeitando o processo de ensino/aprendizagem, além disso, o Jardim de Infância priorizava a relação família/escola, desenvolvia projetos a serem realizados de maneira conjunta nos dois espaços, incentivando a participação da família e relacionando, para a criança, a aprendizagem em todos os contextos, por exemplo o projeto denominado “Leitura em todos os cantos” que incentiva que as crianças leiam em casa com as suas famílias durante o final de semana, oferecendo um espaço de troca na “rodinha” da segunda-feira para que as crianças compartilhem sobre as suas leituras, é notório a empolgação das crianças assim que recebem os livros na sexta-feira e quando compartilhavam sobre a leitura com as outras crianças, particularmente, notei a eficácia do projeto, para as crianças, para a família e para a escola.

Diante disso, reafirmo que a família é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, um espaço que estimule e perceba a importância da educação e aprendizagem, torna a criança mais criativa, autônoma e participativa, a escola deve estimular essa parceria e adotar práticas que incluam a participação da família no processo de alfabetização/letramento.

As avaliações mais recentes em larga escala evidenciam uma queda no desempenho dos estudantes brasileiros em língua materna, tanto em exames nacionais quanto internacionais. De acordo com o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB 2023), aplicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), baseando-se na escala de proficiência de 0 a 9, dividida em níveis que correspondem a habilidades específicas em leitura e escrita que os alunos devem dominar, no 5º ano do Ensino Fundamental, 39,9% dos estudantes estão agrupados nos quatro primeiros níveis de proficiência em língua portuguesa, indicando dificuldades significativas em compreender textos simples, interpretar informações e escrever de forma clara, enquanto 26,1% encontram-se nos níveis mais altos, demonstrando capacidade de ler, interpretar e produzir textos mais complexos.

No âmbito internacional, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA 2022), implementado no Brasil pelo INEP/MEC, 50% dos alunos de 15 anos não atingiram o Nível 2 em leitura, nível considerado mínimo para habilidades básicas de interpretação de texto. Apenas 2% dos estudantes brasileiros alcançaram níveis elevados em leitura.

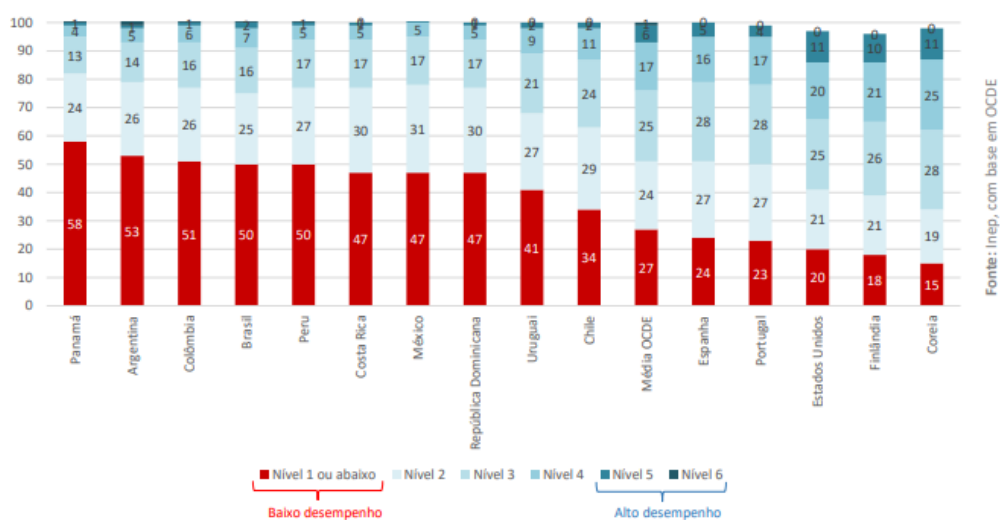


Figura 1 – distribuição dos estudantes na escala de proficiência nos países/economias selecionados em Leitura – PISA 2022

Os indicadores de desempenho em língua materna demonstrado por avaliações nacionais e internacionais, como o SAEB (2023) e o PISA (2022), revelam alguns impactos sociais que possuem efeitos significativos diretos e indiretos para o país. A dificuldade em leitura, escrita e interpretação de textos reforça as desigualdades educacionais e sociais, além de comprometer o acesso igualitário ao conhecimento, reduzindo a capacidade do sujeito de exercer sua plena cidadania, visto que a alfabetização e o letramento são necessários para o uso e compreensão social da linguagem como forma de expressão e comunicação.

Ademais, os baixos indicadores de proficiência em língua materna evidenciam consequências para os aspectos econômicos e culturais, perpetuando a desigualdade de oportunidades, dificultando a inserção no mercado de trabalho e acesso ao ensino superior, além de limitar a expressão do pensamento crítico, assim como a produção cultural. Portanto, faz-se necessário políticas educacionais efetivas que promovam aprendizagem de qualidade. Para além da escola, é necessário pensar sobre a gênese do processo de letramento, destacando a participação da família no desenvolvimento da leitura e escrita, nesse sentido, o processo de alfabetização/letramento é potencializado quando a família se torna mediadora, a partir das práticas de leitura e escrita em contextos espontâneos, considerando os interesses da criança. Sob uma perspectiva mais ampla, deve-se considerar a relação entre educação, família, escola e sociedade, reforçando a importância de utilizar estratégias educacionais intencionais para a formação integral do sujeito, valorizando o processo de ensino-aprendizagem, a formação cidadã e autônoma.

Destaco, também, o período pandêmico que atingiu significativamente o contexto familiar e educacional, especialmente na primeira etapa da Educação Básica. Segundo Castro, Alves e Castro (2021, p. 2):

No processo educacional pandêmico, a Educação Infantil, se constituiu como uma modalidade educativa que não admite a educação a distância, por isso a educação deste momento peculiar andou longe do que ocorreria no cotidiano das instituições e bem distante do que se conhece como Educação na modalidade a distância que se conhece, houve, portanto, uma flexibilização do fazer pedagógico, alinhando as necessidades das crianças, famílias e do momento. (CASTRO; ALVES; CASTRO, 2021, p. 2)

Evidenciando que a forma do fazer pedagógico durante a pandemia ressignificou-se, pois exigiu uma reinvenção das práticas educativas, pautada na necessidade de aproximar escola e família em um esforço conjunto para assegurar o direito à infância e à aprendizagem. O ambiente doméstico tornou-se extensão do espaço escolar e os familiares passaram a desempenhar papel ativo nos processos educativos. Entretanto, conforme as autoras (2021, p. 3):

É claro que, o contexto remoto para a infância não se trata de uma formalização do fazer pedagógico, e nem que pais e mães se tornem professores, mas sim um espaço de encontros e reencontros que foram possibilitando às famílias o exercício de serem pais, além de perceberem a proposta pedagógica e os avanços de concepções na Educação Infantil, e é justamente, neste sentido que se fala do estabelecimento de uma nova sinergia nas relações. (CASTRO; ALVES; CASTRO, 2021, p. 3)

É importante ressaltar a especificidade do caso apresentado na presente pesquisa, a criança em questão possui o diagnóstico de Altas Habilidades/Superdotação. É possível perceber que o reconhecimento e a atenção a esses potenciais excepcionais na Educação Infantil representam desafios significativos para os educadores e para a comunidade escolar. De acordo com Costa e Camargo (2024, p. 91):

A identificação precoce desses talentos muitas vezes é complexa devido à diversidade de manifestações das AH, o que pode levar a diagnósticos equivocados, possíveis tratamentos prejudiciais e à falta de estímulo apropriado para o desenvolvimento de tais potencialidades. (COSTA; CAMARGO, 2024, p. 91)

Ainda, conforme o artigo “A Contribuição do Papel da Família no Processo de Alfabetização e Letramento das Crianças” de Marquim, Sandini e França (2025), é responsabilidade da família que a educação seja atribuída à vida, a partir das vivências diárias e dos interesses da criança, visto que há afeto e significado no âmbito familiar, deve-se inserir a prática cotidiana mediante o contexto da família.

O papel da família é indissociável da escola no processo de alfabetização/letramento, quanto antes as crianças adquirirem o hábito de leitura e escrita no campo familiar, maior estímulo será desenvolvido pelas crianças para a compreensão e efetivação desse hábito na rotina, por isso, a rotina familiar pode influenciar nesse processo, as crianças necessitam do estímulo e auxílio dos pais/responsáveis para desenvolver a aprendizagem. Segundo as autoras “as crianças que recebem mais apoio em casa, conseqüentemente tornam-se mais preparadas para a entrada na escola e no mundo da leitura e escrita” (2025, p. 9). A partir dos familiares que as crianças têm a primeira representação de cultura, valores, crenças, desenvolvendo sentimentos e costumes, sendo a base para o desenvolvimento humano.

A alfabetização e o letramento são um processo social e cultural, envolvendo práticas que ultrapassam o ambiente educacional e manifestam-se nas interações e relações cotidianas, as crianças são cercadas de escritos em casa, na escola e nos contextos extramuros, despertando curiosidade e interesse sobre essa forma de se expressar e ver o mundo, a partir de diversas possibilidades, sendo assim, a Educação Infantil é capaz de introduzir indiretamente a pré-alfabetização e a gestão familiar pode relacionar-se com as práticas de ensino e a cultura letrada no espaço residencial. “As primeiras manifestações de desenvolvimento da criança, ocorrem juntamente à família. Contudo, ao longo dos anos, esse desenvolvimento passa a depender também da relação entre família e escola, o qual deve ser uma via de mão dupla.” (MARQUIM; SANDINI; FRANÇA, 2025, p. 13), por conseguinte, a partir da relação família-escola, as crianças passam a se desenvolver no ambiente educacional e familiar, colaborando com a formação completa, a autonomia e a capacidade de pensamento crítico, reforçando a importância do bom relacionamento entre família e escola.

Cabe ressaltar que as autoras evidenciam, no decorrer do artigo, o baixo número de pesquisas encontradas relacionadas aos familiares estarem envolvidos nos processos de alfabetização/letramento e a relação família/escola, demonstrando a importância da pesquisa sobre esse tema, acrescento a etapa de ensino Educação Infantil e a pré-alfabetização como contexto para o desenvolvimento da pesquisa.

Considerando que as práticas informais e espontâneas no ambiente familiar influenciam significativamente o desenvolvimento no processo de alfabetização/letramento das crianças, e a partir do problema central da pesquisa, a relação família-escola no processo

de alfabetização/letramento na Educação Infantil, foram formuladas as seguintes perguntas-problema, às quais se pretendem investigar e orientam a pesquisa: (a) como a família participa dos interesses das crianças nos processos de alfabetização e letramento?; (b) como a alfabetização acontece de forma indireta nas práticas familiares informais/espontâneas e dirigidas?; (c) como a família incentiva a alfabetização a partir das práticas sociais em casa e no convívio da criança nos espaços que a família transita? e (d) como a escola incentiva a participação da família?. Assim, a presente pesquisa busca identificar práticas da família que auxiliem no processo de alfabetização/letramento das crianças e como se dá a relação família-escola nesse processo, apresentando como objetivos:

Objetivo Geral

- Investigar os processos de alfabetização/letramento emergentes na Educação Infantil a partir da relação família-escola, priorizando a voz da família no processo.

Objetivos Específicos

- Analisar a relação família-escola no processo de alfabetização/letramento emergentes;
- Identificar práticas no contexto familiar que estimulam processos emergentes de alfabetização/letramento;

A partir da introdução da minha temática de estudo, apresento, na presente pesquisa, três capítulos interligados. No primeiro capítulo descrevo a metodologia adotada, explicitando o estudo de caso e a pesquisa de natureza qualitativa e narrativa. O segundo capítulo apresenta o estudo do caso Hannah, a partir de uma narrativa. Em seguida, o terceiro capítulo reúne a fundamentação teórica que orienta a investigação, dialogando com autores, conceitos relevantes para o tema e relacionando-se com o estudo de caso. Por fim, as considerações finais, nas quais retomo a metodologia e os principais resultados.

CAPÍTULO 1

Percorso Metodológico Do Estudo

Na presente pesquisa será realizado um estudo de caso, investigando o caso da Hannah, uma menina de 7 anos, que mora com sua mãe e avós, atualmente está no 2º ano do Ensino Fundamental, diagnosticada com Altas Habilidades/Superdotação, que enfrentou o contexto pandêmico no ingresso a sua primeira etapa da Educação Básica e apresenta diversos interesses extracurriculares.

A pesquisa será de natureza qualitativa, com as seguintes características básicas, de acordo com Godoy (1995) no artigo Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades: a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental, “no trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos como videoteipes e gravadores ou, simplesmente, fazendo-se anotações num bloco de papel.” (GODOY, 1995, p. 62); a pesquisa qualitativa é descritiva, “o interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias” (GODOY, 1995, p. 63); o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são a preocupação essencial do investigador, “os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes” (GODOY, 1995, p. 63) e, por fim, os pesquisadores utilizam o enfoque indutivo na análise de seus dados, “partem de questões ou focos de interesse amplos, que vão se tornando mais diretos e específicos no transcorrer da investigação” (GODOY, 1995, p. 63).

Ainda, segundo Minayo (2002), sobre a pesquisa qualitativa, “[...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (1993, p. 21), ou seja, a pesquisa qualitativa procura analisar a realidade a partir da perspectiva dos sujeitos, valorizando suas experiências, sentidos e interpretações sobre o mundo.

Além de ser uma pesquisa qualitativa, trata-se também de uma pesquisa de natureza narrativa, constituída por meio de um relato de uma mãe, que procura compreender as experiências vividas no contexto estudado. Conforme Pereira (s.d.), a pesquisa narrativa “é [...] uma modalidade de pesquisa que envolve e valoriza o sujeito, permitindo sua

contemplanção em um tempo, espaço e subjetividade.” (s.d., p. 2). “As narrativas [...] são intervenções que acabam por formar o indivíduo, pois agem como uma intervenção que desemboca na contínua reflexão, transformação e reavaliação das experiências de vida.” (PEREIRA, s.d., p. 3). Assim, a pesquisa narrativa se revela como uma metodologia que valoriza a escuta as individualidades do sujeito a partir das suas histórias e experiências vividas, possibilitando a reflexão crítica.

De acordo com Oliveira (2016), “[...] ao buscar entender a experiência dos sujeitos por meio da narrativa, resgata-se a sua subjetividade, focando as singularidades e particularidades dos sujeitos em face aos processos educacionais.” (2016, p. 12150). “Nesse sentido, a Pesquisa Narrativa também é um processo de colaboração, pois tanto as histórias contadas pelos participantes como pelos pesquisadores podem ser histórias de empoderamento.” (OLIVEIRA, 2016, p. 12151), podendo ressignificar as experiências vividas e os sentidos produzidos pela narrativa.

1.1. Participante e Contexto

O estudo de caso apresenta o caso de Hannah - nome fictício -, o acesso a mãe da criança se deu no contexto da escola de música que a criança frequenta com a sua mãe, através da professora orientadora. Ressalta-se que a pesquisa foi realizada a partir do consentimento da mãe da criança.

A informante do Caso Hannah, sua mãe, tem 43 anos, é formada em Pedagogia, pela Universidade de Brasília, e Direito. Atualmente atua na área do Direito, sendo servidora pública no Distrito Federal, reside com seus pais e sua filha próximo ao Plano Piloto. A mãe organiza sua rotina de acordo com a jornada de trabalho e as atividades escolares e extraescolares da filha, demonstrando ser uma mãe bastante dedicada e comprometida com a educação e o processo de aprendizagem da criança.

O contexto do estudo de caso é a casa da criança e os espaços escolares que fomentam sua trajetória educativa, baseados nos próprios interesses da criança e nos estímulos e recursos que ela possui em sua residência. A mãe de Hannah apresenta diversas iniciativas que despertam o interesse e criatividade da filha, além do incentivo e apoio em seus interesses extracurriculares, como a escola de música, aulas de outros idiomas e idas ao teatro, por exemplo.

O estudo de caso evidencia a importância das práticas de letramento que ocorrem no ambiente da casa, na rotina da criança e nos diferentes espaços educacionais em que Hannah frequenta, além de analisar as relações pessoais e interpessoais a partir das diferentes experiências vivenciadas.

1.2. Métodos e Instrumentos

Para a presente pesquisa, o método utilizado foi uma entrevista com a informante, a mãe. De acordo com Minayo (1990), “[...] a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos.” (1990, p. 57), ou seja, a conversa tem objetivos que buscam obter informações a partir da fala do entrevistado e da coleta de fatos dos sujeitos. “Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala.” (MINAYO, 1990, p. 57), enquanto “já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico.” (MINAYO, 1990, p. 57).

Nesse sentido, “[...] torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas.” (MINAYO, 1990, p. 58). A entrevista em questão foi realizada a partir de um instrumento, o roteiro de entrevista, construído com base nos objetivos e nas perguntas-problema que norteiam a pesquisa. As questões foram organizadas em dois blocos: (a) práticas no contexto familiar que estimulam a processos emergentes de alfabetização/letramento e (b) sobre a relação família-escola no processo de alfabetização/letramento. E aconteceu de forma remota, em uma reunião online, com duração de aproximadamente duas horas.

1.3. Metodologia de Análise

A presente pesquisa utiliza a análise temática como método de investigação qualitativa, buscando identificar e interpretar as histórias e experiências relatadas pela informante durante a entrevista. “A análise temática é um método de pesquisa utilizado para identificar e interpretar padrões ou temas em um conjunto de dados; ela frequentemente leva a novas percepções e compreensão” (Boyatzis, 1998; Elliott, 2018; Thomas, 2006, apud NAEEM et al., 2023, p. 2).

A análise temática permite compreender os sentidos atribuídos pela informante das experiências e práticas relatadas, valorizando suas percepções para a construção de interpretações alinhadas com os objetivos e perguntas-problema da pesquisa. De acordo com Naeem et al. (2023, p. 1):

Sugere que o modelo sistemático de análise temática derivado é valioso em múltiplas disciplinas, particularmente na teoria fundamentada, em abordagens etnográficas e em abordagens narrativas, sendo também adaptável a metodologias mais descritivas e baseadas no positivismo. (NAEEM et al., 2023, p. 1)

CAPÍTULO 2

O Caso Hannah

2.1. Descrição da Hannah (a partir da perspectiva da mãe)

Hannah é uma menina de sete anos que mora com a mãe e os avós, na casa dos avós maternos, os quais gostam muito de conversar e ler, o pai a visita todos os dias para levar o café da manhã. A casa é ampla, feita de tijolos cerâmicos aparentes e telhados de madeira, um quintal que contém uma horta, que ela costuma plantar com a mãe, e diversos animais, como pavão, passarinhos e galinhas, demonstrando ser uma casa cercada por natureza e árvores, as quais Hannah costuma brincar. No ambiente que a mãe escolheu para realizar a entrevista remota, havia quadros pintados pela Hannah por toda a parede, uma estante com vários livros, um piano e um teclado aparentes com um suporte de partitura e um mini violão pendurado na parede. Com a avó, Hannah gosta de regar as plantas e conversar sobre as memórias do passado, especialmente sobre quando a mãe era criança. Com o avô, por ser filósofo e engenheiro mecânico, Hannah gosta de conversar sobre assuntos complexos, como astronomia.

Na rotina, Hannah frequenta a escola – 2º ano do Ensino Fundamental – no período da tarde, e, normalmente, no período da manhã costuma realizar atividades extraescolares, acompanhada pela mãe. Hannah demonstra bastante interesse por aprender outros idiomas, clubes de leitura, oficinas de artes, práticas de lutas, como taekwondo, e, especialmente, ir à escola de música. Na escola de música, Hannah aprende a tocar diversos instrumentos, além de interagir socialmente com outras crianças e músicos. As atividades educativas complementares, são pedidos da criança a partir das próprias curiosidades e gosto pessoal, decorrentes de estímulos oferecidos por sua mãe ou, até mesmo, da observação das atividades realizadas pelos adultos mais próximos.

Além das atividades de rotina da criança, escolares e extraescolares, Hannah costuma frequentar teatros, orquestras, concertos e exposições, por iniciativa da mãe. Durante as apresentações, a mãe incentiva que a criança preste atenção em todos os detalhes, na música, nos instrumentos e nos diálogos. Essas práticas possibilitam que a criança obtenha diferentes vivências e experiências, assim como, a orientação e ensinamento de formas de estar presente em diferentes contextos sociais, visto que, a criança é instruída a

permanecer sentada e focada durante as exposições, é importante para a imersão e compreensão da experiência.

Entre outras práticas, por terem uma rotina repleta de compromissos, quando mãe e filha estão no trânsito, dentro do carro, Hannah possui diversos estímulos à sua disposição, como flauta, escaleta, livros, cadernos de desenhos, além disso, elas ouvem áudio books, conversam em português e em outras línguas, cantam músicas e fazem contas matemáticas. Esse momento é considerado pela mãe, como ganho de tempo de qualidade e de trocas significativas entre as duas.

2.2. Trajetória de aprendizagem e das práticas de leitura e escrita

A Educação Infantil possui a primeira etapa, intitulada creche, que atende crianças de zero a três anos de idade, e a segunda etapa, intitulada pré-escola, que atende crianças de quatro e cinco anos. Quando Hannah tinha a idade de estar na creche, ocorreu, mundialmente, o contexto pandêmico, o qual impossibilitou a população de sair de casa e seguir com as suas atividades rotineiras, havendo a necessidade das pessoas se reorganizarem e repensarem métodos que possibilitassem a continuidade das atividades de forma não prejudicial.

Desde antes da pandemia, a mãe conta que sempre buscou participar das atividades com Hannah. Perto de casa, havia uma escola de musicalização infantil e as duas começaram a frequentar juntas, até o momento em que precisaram parar em vista do isolamento social. Por conseguinte, a mãe de Hannah precisou pensar em alternativas que viabilizassem o seu trabalho, que estava acontecendo de forma remota, e o desenvolvimento da aprendizagem da filha.

A partir do contexto descrito, a mãe escolheu facilitar a vida da filha, no sentido de oferecer recursos e estímulos que fossem relativamente bons para criança e o seu desenvolvimento. A mãe utilizou dos próprios conhecimentos, por exemplo, a fluência em outras línguas, e começou a se comunicar com Hannah em outras línguas, que não o Português. De acordo com a mãe, o contexto pandêmico serviu para oportunizar que ela fizesse as atividades junto com a filha, aproximando-as.

As práticas de letramento/alfabetização que a mãe passou a realizar em casa, partem do pensamento de que muitas experiências que ela tinha vivenciado de forma negativa, não seriam necessariamente da mesma forma para a filha, ela queria que a filha tivesse suas

próprias percepções a partir das vivências. Na entrevista, a mãe relata que, quando criança, não percebia a leitura como prática prazerosa, a partir de uma experiência negativa que teve no contexto educativo. Mediante isso, a mãe começou a apresentar diversos livros para a criança, tornou-se parceira de uma loja online e todos os meses chegavam vários livros com leituras vivas, agradáveis e que, de fato, despertavam a imaginação da criança. Hábito que ressignificou a percepção da leitura para a mãe, a mesma conta que passou a gostar muito de ler pois fazia isso com e para a filha.

A mãe de Hannah, por não concordar com muitos conteúdos infantis disponibilizados nas plataformas digitais e na televisão, optou por ter e proporcionar momentos prazerosos com a filha, envolvendo práticas como a leitura mediada, montagem de quebra-cabeça, escrita de palavras com ímãs de geladeira etc., bem como, práticas de letramento matemático durante as brincadeiras ou momentos em família, como especificar que já montou metade de um quebra-cabeça ou vai comer $\frac{1}{4}$ da pizza, tais práticas intencionais apresentam resultados significativos no desenvolvimento da aprendizagem. Nesse sentido, a mãe criava e inventava atividades para realizar com a filha, além de, a partir da curiosidade da criança, inseri-la nos seus próprios compromissos e obrigações.

Diante da curiosidade expressa pela criança, a mãe utilizava a situação para, sem cobranças ou pressões, auxiliar no seu desenvolvimento das práticas de alfabetização/letramento, por exemplo, quando a mãe estava escrevendo algo, Hannah perguntava o que ela estava fazendo, sendo assim, a mesma aproveitava a oportunidade para explica-la sobre as letras e as palavras, utilizando diferentes recursos, como a produção de cartazes, o alfabeto móvel, ouvir música e falar em outras línguas. Além disso, ainda durante a pandemia, a criança frequentava uma pré-escola bilíngue perto de onde mora, para ter vivências e socializar-se com outras crianças. A mãe reforça que era um grupo pequeno de alunos, aproximadamente quatro crianças, que realizavam diversas atividades de artes, leitura, pintura e música.

Quando foram retomadas as atividades presenciais, Hannah voltou para o espaço escolar e teve um confronto com a realidade naquele contexto, pois demonstrou-se muito diferente do que a criança experienciava com a mãe em sua casa. Hannah já havia desfraldado, já realizava leituras de palavras, falava Português e outras línguas. A escola, então, parou de fazer sentido para a criança, pois ela já tinha passado pelas etapas que os colegas ainda estavam passando, o que desencadeou uma crise existencial no ambiente

escolar, aos 3 anos. Após acalmar-se, Hannah pediu a mãe para sair da escola, relatando estar se sentindo perdida e deslocada.

Após o episódio, a mãe de Hannah constatou que elas precisavam de ajuda para lidar com a situação, visto que, a criança precisava frequentar a escola e a mãe precisava trabalhar, de uma forma que fosse satisfatória para ambas. Assim, procurou profissionais especializados, pois Hannah se queixava que queria brincar com crianças mais velhas que, de fato, entendessem o que ela estava propondo e que tivesse mais experiência, assim como ela. Além disso, Hannah precisou regredir para se encaixar na escola, passando por uma experiência em que a professora regente conversou com a mãe sobre a escrita do nome, pedindo para que ela não ensinasse mais que a filha escrevesse o nome completo, pois os colegas só sabiam escrever o primeiro nome.

Ainda no contexto da Educação Infantil e após falta de identificação da criança com a turma, Hannah recebeu o diagnóstico de Altas Habilidades/Superdotação. Assim, a mãe procurou diversas escolas para realizar a aceleração dos estudos, para haver um equilíbrio na aprendizagem, sem diferenciar-se muito da idade dos outros estudantes.

A partir disso, a mãe percebeu que a criança sempre demonstrou interesse e curiosidade em aprender algo diferente, como língua francesa ou tocar algum instrumento, evidenciando que as práticas de aprendizagem promovem incentivo e despertam interesse para novos conhecimentos. Ainda durante a pandemia, a mãe de Hannah também decidiu aprender uma nova língua, inesperadamente, Hannah aprendeu algumas palavras, demonstrando que os conhecimentos perpassam e a atitude é exemplo.

O interesse de Hannah pela música, ficou perceptível quando ela começou a batucar nas panelas e sempre cantava pela casa, fazendo com que a mãe comprasse instrumentos musicais para a filha e, com base nisso, procurou uma escola de música. Mesmo muito nova, Hannah demonstrava querer ser desafiada para aprender novas coisas, iniciando com violino. A aproximação delas com a música, trouxe leveza. A mãe, por ter percebido que quando criança não frequentava orquestras, concertos ou teatros, decidiu que queria que a filha tivesse experiências nesses espaços, então, começaram a frequentá-los, para ouvir diferentes tipos de música e Hannah adora. A criança descreve o tempo que dedica para a música como o único momento em que a explosão de ideias na cabeça para, em que pode relaxar e focalizar no instrumento.

Ainda, o incentivo à leitura sempre esteve presente na vida de Hannah, a mãe se preocupa com a qualidade da leitura, não só com o hábito de ler, mas de que maneira os livros impactarão positivamente o desenvolvimento da filha. Por isso, a mãe buscou grupos de pessoas e mães que possuem as mesmas preocupações, a partir da pretensão de que os filhos gostem de ler e que entendam que leitura desperta interesses e alimenta a imaginação, mesmo quando a criança não sabe ler, a leitura mediada pelo adulto gera curiosidade e possibilita conhecimentos, em relação a formação e função de palavras, a maneira que deve se escrever e a possibilidade de interpretação dos textos, facilitando a comunicação e a expressão nas relações e práticas sociais.

Aos cinco anos, Hannah começou a ler livros sem figuras, depois das diversas experiências significativas e leituras repetidas, caracterizadas pela preocupação da mãe em proporcionar boas leituras. Hannah adorou a experiência, pois despertava a imaginação e ela poderia idealizar as cenas da sua maneira. Desde a Educação Infantil, Hannah possui estímulo a leitura, atualmente, em um único dia, realiza a leitura de livros físicos inteiros que contém aproximadamente 120 páginas.

Com relação a escrita, Hannah diz que não gosta muito de escrever, pois a cabeça pensa mais rápido do que a mão consegue acompanhar, apesar de ter ótimas ideias, faltam palavras e conectivos nas frases devido ao pensamento acelerado. Portanto, a mãe realiza atividades de caligrafia com a filha e a orienta para escrever com calma e foco, ler o que escreve, pois pode apresentar erros ortográficos e de coerência, dificultando a leitura de outra pessoa.

A mãe reforça que apresenta recursos em formas de jogos e brincadeiras que auxiliem na aprendizagem, especialmente de matemática, ela utiliza bolinhas de gude para realizar contagens, balinhas para descobrir determinado valor etc., demonstrando que a criança entende melhor quando aprende brincando, pois tem uma visão mais concreta e real da situação hipotética.

Para a mãe, os pais devem ter disposição para participar ativamente do processo de aprendizagem da criança, oportunizando práticas de alfabetização/letramento, visto que, a criança aprende, inicialmente, na família. Quando a família não apresenta interesse nessas práticas desde o nascimento da criança, deixam passar uma etapa muito importante do desenvolvimento infantil. É importante facilitar o acesso da criança a livros, instrumentos musicais, cadernos de pintura, desenhos etc.

A mãe vê o letramento como uma maneira de expressão nas relações sociais, bem como, a aquisição dos códigos alfabéticos como forma de transmissão de conhecimentos para o próximo. Enfatizando que os códigos alfabéticos e que as práticas de letramento devem estar à disposição da criança, pois ao deixar para apresentar livros, por exemplo, só quando a criança efetivamente entrar no contexto escolar, pode dificultar a percepção da leitura como atividade prazerosa, mas obrigatória. O ideal é familiarizar a criança com a alfabetização/letramento no âmbito residencial, possibilitando que aquilo faça sentido para a criança e se relacione com as suas vivências, além de incluir a criança na rotina do adulto, por exemplo, na hora de cozinhar ou trabalhar, aproveitando os momentos para contextualizar, de uma forma lúdica, os novos conhecimentos.

A mãe de Hannah, conta que um dos livros escritos por ela, baseou-se em uma experiência da filha na Educação Infantil. Quando Hannah pintou o céu de rosa, pois nos passeios que costuma fazer com a mãe pelo condomínio onde mora, aos finais de tarde, o céu apresenta cores variadas, a professora repreendeu a atitude da criança, afirmando que o céu é azul. Em discordância com a professora, a mãe escreveu o livro demonstrando as diversas possibilidades de tonalidades que o céu apresenta, após levar a filha na exposição de Van Gogh, incentivando a filha a representar o céu da forma que ela quisesse.

Ante o exposto, destaco que a transição do centro de aprendizagem bilíngue para a pré-escola causou frustração na Hannah. A pré-escola de Educação Infantil minimizou as potencialidades da criança e desvalorizou o processo de aprendizagem vivenciado em casa, priorizando práticas tradicionais de alfabetização/letramento, diferenciando-se da pré-escola bilíngue, tal qual oferecia uma aprendizagem sustentada pela participação ativa e espontânea da criança. Promovendo reflexões sobre o que a escola faz com as crianças que aprendem a ler e escrever em casa, a partir das práticas informais de alfabetização/letramento ofertadas pela família.

As práticas de alfabetização e letramento realizadas na instituição de Educação Infantil, eram consideradas práticas tradicionais e monótonas pela criança. Pela sensibilidade sensorial, a criança se incomodava em enrolar bolinhas de papel para colar na letra A, tanto pela textura do papel crepom quanto pelo barulho do papel amassado. Além disso, dedicava-se muito tempo para a apresentação das letras individualmente, mas não se explicava como a letra era útil para a formação das palavras, para a comunicação e, até

mesmo, formação de sílabas. Evidenciando que a criança era limitada no processo de ensino-aprendizagem.

Notoriamente, as escolas perpassam por um processo de padronização das crianças, pensando atividades iguais para todos, exigindo que realizem da mesma forma, sem contexto ou justificativa. Nas festividades escolares, onde a família está presente, o principal objetivo é demonstrar resultados das atividades das crianças, havendo pouco incentivo a participação da família no processo de ensino-aprendizagem, pois, mais do que fazer parte, as famílias, majoritariamente, se preocupam com a quantidade de atividades realizadas, ou seja, a qualidade do ensino e os conhecimentos adquiridos são consequências para um sistema conteudista, que não prioriza as aprendizagens significativas.

Hannah, na aula de artes, realizou uma pintura, previamente determinada, o mascote da escola. Os resultados foram pinturas iguais e padronizadas, com as mesmas cores e representadas da mesma forma. Apesar disso, Hannah realizou a pintura de maneira diferente, quando perguntou a mãe qual seria a pintura feita por ela, a mãe logo identificou, pois estava com as cores e representado de forma diferente, de acordo com a autenticidade e autonomia da filha, enquanto os demais tratavam-se de cópias.

2.3. Sobre a relação família-escola no processo de alfabetização/letramento

A primeira experiência da Hannah no contexto escolar foi no centro de aprendizagem bilíngue, onde realizava atividades de artes, música, práticas de leitura etc. O espaço buscava a participação ativa dos pais no sentido de permitir que a criança experenciasse as situações em todos os sentidos, como tocar uma música, brincar na areia, fazer uma receita de bolo etc., para, então, desenvolver suas próprias conclusões e aprendizagens a partir das próprias vivências. O que já era uma prática constante para a mãe de Hannah e ia de acordo com os valores e ensinamentos que ela considerava importantes para o desenvolvimento da filha.

Em contrapartida, quando Hannah passou a frequentar, efetivamente, uma pré-escola, a experiência não foi positiva para a família, as salas de referência eram muito cheias de alunos e os profissionais não eram capacitados para trabalhar na Educação Infantil, tanto porque limitavam os alunos quanto porque queriam que todos se desenvolvessem do mesmo modo ao mesmo tempo, minimizando as potencialidades das crianças.

A atual escola em que Hannah frequenta, uma instituição privada de Ensino Fundamental, costuma passar uma quantidade exuberante de tarefas de casa, fazendo com que as atividades extraescolares que a criança pratica, que são de extrema relevância pessoal, social e cognitiva, sejam negligenciadas. O posicionamento da escola em questão é que a mãe deve tirar Hannah das atividades extraescolares, entrando em conflito com as motivações da família e os interesses pessoais da criança, dificultando a relação família-escola.

Como Hannah foi oportunizada com um desenvolvimento significativo em sua casa, enfatizado pelas práticas sociais, informais e espontâneas de alfabetização/letramento oferecidas a partir de estímulos e recursos diretos e indiretos, além de conhecimentos transmitidos pelos adultos ao seu redor, especialmente sua mãe, quando questionada sobre o que aprendeu na escola, a criança diz que não aprende nada novo na escola, apenas reaprende algo que sua mãe, por exemplo, já a ensinou, inclusive anos atrás. Com relação aos colegas de classe, Hannah destaca que espera que eles entendam os conteúdos, mas que os pais não apresentam os mesmos incentivos que ela teve aos seus filhos, visto que, a partir da perspectiva dela, os pais e as crianças priorizam o tempo no celular. Tornando a escola, para ela, enfadonha e monótona.

A mãe percebe que a escola enfatiza maior foco na preparação para o futuro, oferecendo informações vazias sem contextos reais, enquanto minimiza a preparação para a vida, para as relações sociais, para a aquisição de conhecimentos artísticos ou para a realização pessoal, a partir do enriquecimento de conhecimentos globais.

As brincadeiras que Hannah gosta são, especialmente, relacionadas ao uso da imaginação e criatividade, ela gosta de imaginar ser outra pessoa ou um objeto, por exemplo. Brincadeiras essas que muito se relacionam com a prática da leitura, visto que, Hannah costuma ler muitos livros e sua imaginação é muito fértil por esse motivo.

De acordo com a mãe, a escola pode incentivar a participação ativa da família no desenvolvimento das aprendizagens das crianças e nas práticas informais de alfabetização/letramento incentivando a utilização de jogos e realização de brincadeiras, como quebra-cabeças, ditados, permitindo que a criança erre durante as tentativas, no contexto familiar e educacional, respeitando o processo individual da criança. As famílias, por possuírem rotinas corridas, acabam por depositar a responsabilidade de toda a aprendizagem para a escola, que, por sua vez, mascara o processo de ensino e aprendizagem.

2.4. Sobre os aspectos socio-relacionais e da subjetividade

Como as práticas de letramento/alfabetização realizadas pela mãe foram eficazes durante o processo de desenvolvimento da Hannah, que aconteceu no contexto pandêmico, onde, na maior parte do tempo, a criança se relacionava com os adultos, a formação dos conceitos e conhecimentos, para ela, era natural. Até o momento que voltou a frequentar o contexto escolar e se deparou com as diferenças com relação aos outros colegas. Por isso, o momento que Hannah percebeu que estava aprendendo a ler e escrever, foi quando retornou ao convívio escolar, conseqüentemente, Hannah não se adaptou novamente, a única possibilidade era a regressão do desenvolvimento, ou seja, Hannah estava se diminuindo para caber no ambiente escolar e manter-se padronizada com as outras crianças.

Mediante as práticas descritas no decorrer do capítulo, as leituras dos livros, o incentivo à formação de palavras etc., quando Hannah, de fato, iniciou o processo de alfabetização formal, foi extremamente fácil e natural, pois a mesma já sabia ler e escrever desde a entrada na instituição de Educação Infantil, a mãe explicava para Hannah que o som de quando a gente fala, pode ser escrito, ensinando de forma lúdica e a partir da demonstração de interesses da criança.

Hannah é uma criança muito empática, simpática, sociável e justa. Nas relações sociais, ela tem a iniciativa de chamar outras crianças para brincar ou, até mesmo, de se oferecer para brincar com as outras crianças, sem se preocupar com o que as pessoas pensarão dela. Ela se dá bem com crianças de todas as faixas etárias, pois possui um senso protetor e acolhedor. Hannah apresenta características de liderança, mas ao mesmo tempo é observadora, sabe o que gosta e o que não gosta, o que a ajuda no sentimento de pertencimento.

Com os adultos, Hannah apresenta uma troca genuína, sua fala não é infantilizada, mas demonstra curiosidade e interesse para o diálogo efetivo. A mãe explica para Hannah que ela não deve ter receio de se comunicar, caso a outra pessoa não compreenda o que ela quer dizer, ela pode tentar explicar de outras maneiras, mas não deve deixar de falar por medo.

Hannah e a mãe costumam conversar muito, sobre todas as coisas, valorizando o tempo que estão juntas, considerando-o como ativo e proveitoso, visto que não pode voltar, então deve ser útil e positivamente otimizado. Nas atividades sociais, como os concertos que elas frequentam, a mãe orienta que Hannah desfrute e aproveite da experiência. Sendo

assim, a mãe percebeu que sempre que frequenta algum lugar com a filha, ela está com o computador trabalhando, apesar da tentativa de registrar tudo com fotografias, a mãe quase não aparece nas fotos, o que fez com que ela começasse a escrever e registrar os momentos a partir das experiências percebidas, na tentativa de eternizar lembranças para a filha, escritas essas que desencadearam a sua participação em concursos literários.

A mãe prioriza resgatar hábitos antigos que as crianças tinham no passado, oportunizando experiências ‘pés no chão’ e desvendando conhecimentos gerais relacionados a vida e a relação humano-natureza, que foram dificultados pelo acesso fácil as tecnologias e os recursos digitais. Hannah também frequenta a Escola da Natureza, focada em Educação Ambiental, que apresenta conteúdos interdisciplinares de física, química e biologia com o princípio do aprender brincando, demonstrando que o processo vale a pena.

Por conta da intimidade adquirida na relação, as duas procuram descobrir e aprender juntas, a partir de uma interação mediada pela curiosidade de Hannah, trazendo significado para as novas aprendizagens de acordo com a realidade em que vivem cotidianamente. A mãe procura ser transparente e comunicativa com a filha, destacando a importância do diálogo recíproco na relação, compartilhando momentos de alegria, tristeza, felicidade, angústias e dificuldades, havendo liberdade para a comunicação mútua e escuta ativa em todos os assuntos, demonstrando uma relação de qualidade e confiança entre mãe e filha. Quando o adulto se comunica, ensina a criança a se comunicar também.

Acredita-se que a questão da curiosidade de Hannah perpassa por todas as relações sociais e os processos de aprendizagem, pois a partir das perguntas e questões sobre o mundo, a criança recebe informações e molda suas percepções sobre todos os assuntos, pessoais e interpessoais, favorecendo a comunicação e estimulando a aquisição de novos conhecimentos. Um ambiente rico em estímulos e recursos, oferece para a criança várias possibilidades que favorecem o seu desenvolvimento.

CAPÍTULO 3

Fundamentação Teórica

No livro *Psicogênese da Língua Escrita* (1985), Emília Ferreiro e Ana Teberosky demonstram que a escrita deve ser compreendida como um sistema de representação. Para as autoras, “longe da caligrafia e da ortografia, quando uma criança começa a escrever, produz traços visíveis sobre o papel, mas, além disso, e fundamentalmente, põe em jogo suas hipóteses acerca do próprio significado da representação gráfica” (1985, p. 37). Isso evidencia que a aprendizagem da escrita não é um processo de cópia passiva, mas produto de uma construção ativa realizada pela criança, baseado na forma como os estudantes pensam e entendem o universo letrado.

Além disso, ao afirmarem que, “no lugar de uma criança que recebe pouco a pouco uma linguagem inteiramente fabricada por outros, aparece uma criança que reconstrói por si mesma à linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe provê o meio.” (1985, p. 24), as autoras evidenciam que essa construção se dá a partir do domínio prévio da língua materna. Desse modo, as crianças compreendem funções como comunicação, registro e organização antes mesmo de dominar o código alfabético, a partir das práticas sociais e de seu desenvolvimento linguístico.

No livro *Alfabetizar* (2020), Magda Soares explicita os conceitos de alfabetização e letramento. De acordo com a autora (2020, p. 27), a alfabetização é:

Processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas — procedimentos, habilidades — necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas; habilidades motoras de uso de instrumentos de escrita (lápiz, caneta, borracha...); aquisição de modos de escrever e de modos de ler — aprendizagem de uma certa postura corporal adequada para escrever ou para ler; habilidades de escrever ou ler, seguindo convenções da escrita, tais como: a direção correta da escrita na página (de cima para baixo, da esquerda para a direita); a organização espacial do texto na página; a manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê — livro, revista, jornal, papel etc. (SOARES, 2020, p. 27)

Enquanto letramento, segundo a autora (2020, p. 27):

Capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos — para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para dar apoio à memória etc.; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidade de orientar-se pelas convenções de leitura que marcam o texto ou de lançar mão dessas convenções, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no

mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor. (SOARES, 2020, p. 27)

Ainda, analisando a relação entre alfabetização e letramento, a partir da percepção de que são processos cognitivos e linguísticos distintos, apesar de serem simultâneos e interdependentes, a autora destaca (2020, p. 27):

A alfabetização — a aquisição da tecnologia da escrita — não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2020, p. 27)

Com relação ao caso Hannah, nota-se que, através do estímulo à leitura que foi oferecido para a criança desde muito nova, a prática de leitura inicialmente realizada de forma mediada pela sua mãe, apresentava intencionalidade, visto que, durante o processo de leitura, a mãe explicava sobre as palavras, a formação das frases, a direção da escrita. Com o tempo, a própria criança, por meio da informação, dava significado aos textos, de acordo com a sua própria percepção e entendimento, ou seja, o processo de aprendizagem acontecia de forma ativa.

No livro *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* (1989), Paulo Freire afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.” (1989, p. 9), demonstrando que alfabetizar é muito mais do que ensinar a decodificação de signos linguísticos, acontece nas práticas sociais e culturais, possibilitando ao sujeito a leitura crítica da realidade. O ato de ler não se reduz à compreensão conceitual e mecânica do texto escrito, mas envolve a interpretação e a significação das experiências vividas.

Assim, a alfabetização deve estar articulada ao letramento, entendido como o processo pelo qual o indivíduo passa a usar a leitura e a escrita de forma consciente e transformadora. “E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade” (FREIRE, 1989, p. 7). Dessa maneira, alfabetizar, na perspectiva de Paulo Freire, é promover uma prática educativa emancipadora, que desperta o sujeito para a crítica e para a transformação social.

Nesse sentido, ante o exposto demonstrado no caso Hannah, percebe-se que a articulação entre alfabetização e letramento acontece quando a aprendizagem faz sentido com o contexto vivenciado. As práticas espontâneas acerca do universo letrado, mediante as próprias indagações e questionamentos da criança, antecedem a aprendizagem formal da alfabetização, apresentando sentido aos códigos e signos posteriormente aprendidos. Essas práticas, realizadas no berço familiar, aproximam a criança da sua leitura de mundo, ampliam a capacidade de comunicação, expressão e interpretação necessárias para o contexto social e educacional, desenvolvendo um sujeito autônomo, crítico e transformador.

No livro *Pensamento e Linguagem* (1934), Vygotsky discute as raízes genéticas do pensamento e da linguagem, o autor reafirma que apesar de o pensamento e a linguagem sofrerem diversas alterações, ambos se relacionam durante suas curvas de desenvolvimento, de maneira em que se aproximam, mas acabam por se afastar novamente. A partir do desenvolvimento filogenético, ou seja, o processo evolutivo da espécie humana, compreende-se que “o pensamento e a linguagem têm raízes genéticas diferentes.” (1934, p. 44), além disso, “na filogenia do pensamento e da linguagem distingue-se com muita clareza uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da linguagem e uma fase pré-linguística no desenvolvimento do pensamento.” (1934, p. 45), demonstrando que pensamento e linguagem, inicialmente, têm origens distintas, mas, ao longo do desenvolvimento humano, relacionam-se, dando origem ao pensamento verbal.

Além da filogênese, Vygotsky analisa o desenvolvimento ontogenético na relação entre pensamento e linguagem, que se refere ao processo de formação dessas funções no indivíduo ao longo de sua vida. De acordo com o autor, “o papaguear das crianças, o seu choro e inclusivamente as suas primeiras palavras são muito claramente estádios do desenvolvimento da linguagem que nada têm a ver com o desenvolvimento do pensamento.” (1934, p. 46), evidenciando que a função social da linguagem se torna perceptível ainda no primeiro ano de vida, na fase pré-intelectual, em que a criança utiliza a comunicação antes mesmo de associá-la ao pensamento estruturado. As curvas do desenvolvimento, a partir dos dois anos de idade, do pensamento e da linguagem, destacam uma nova forma de comportamento, conforme o autor explica (1934, p. 47):

Este momento crucial, quando a linguagem começa a servir o intelecto e os pensamentos começam a oralizar-se, é indicado por dois sintomas objetivos que não deixam lugar a dúvidas: (1)(1), a súbita e ativa curiosidade da criança pelas palavras, as suas perguntas acerca de todas as coisas novas (“o que é isto?”) e, (ii) o conseqüente enriquecimento do vocabulário que progride por saltos e muito rapidamente. (VYGOTSKY, 1934, p. 47)

Por conseguinte, o autor demonstra que o desenvolvimento da linguagem segue os mesmos mecanismos que orientam o funcionamento das demais operações mentais que envolvem a utilização de signos, passando por quatro estágios do desenvolvimento, “o primeiro é o estágio primitivo ou natural, que corresponde ao discurso pré-intelectual e ao pensamento pré-verbal, altura em que estas operações aparecem na sua forma original, tal como se desenvolveram no estágio primitivo do comportamento.” (1934, p. 50), a seguir, o estágio da psicologia ingênua, que explicita “a experiência que a criança tem das propriedades físicas do seu próprio corpo e dos objetos que a cercam e a aplicação desta experiência ao uso dos instrumentos: o primeiro exercício da inteligência prática infantil que desabrocha.” (1934, p. 50), essa fase é definida no desenvolvimento linguístico da criança e “manifesta-se pela utilização correta das formas e estruturas gramaticais antes de a criança ter compreendido as operações lógicas que representam.” (1934, p. 50).

A partir da acumulação gradual da experiência psicológica ingênua, explicitada anteriormente, “a criança entra numa terceira fase, que se distingue por sinais externos por operações externas que são utilizadas como auxiliares para a solução dos problemas internos.” (1934, p. 50), ou seja, “é a fase em que a criança conta pelos dedos, recorre a auxiliares mnemônicos, etc.” (1934, p. 50). Na quarta fase do desenvolvimento, “a criança começa a contar de cabeça, a utilizar a “memória lógica”, quer dizer, a operar com as relações intrínsecas e a utilizar signos.” (1934, p. 50).

O letramento acontece nas práticas emergentes, informais e espontâneas, visto que, desde o nascimento a criança percebe o uso social da linguagem, antes mesmo de aprender a falar, procurando formas de expressão e comunicação. Durante o desenvolvimento, como evidenciado no caso Hannah, a criança demonstra interesse e curiosidade pelas letras, palavras e números. Dessa forma, baseando-se nos estágios descritos anteriormente, o estímulo à aprendizagem auxilia o desenvolvimento integral da aprendizagem da criança, relacionando o pensamento com a linguagem.

Diante o exposto, demonstra-se que, durante as fases iniciais do desenvolvimento infantil, a palavra é percebida como uma propriedade intrínseca do objetivo referido, não imediatamente compreendida como um símbolo representativo, tal compreensão ocorre de modo gradual e progressivo, assim, a criança, antes de dominar o significado interno do signo, assimila sua estrutura externa, construindo, por meio do uso funcional das palavras, a compreensão de seu valor simbólico, conseqüentemente, as estruturas linguísticas

inicialmente dominadas pela criança, transformam-se gradualmente nos fundamentos do pensamento, evidenciando a transição do uso comunicativo da linguagem para sua função internalizada e cognitiva, como ressalta o autor, “isto conduz-nos a um outro incontestável fato de grande importância: o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, ou seja, pelos instrumentos lingüísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança” (1934, p. 54).

Portanto, a partir das práticas de leitura e das atividades extracurriculares realizadas por Hannah desde a Primeira Infância, o desenvolvimento da linguagem acontece, mediante as experiências sociais, culturais e relacionais da criança, trazendo significado ao pensamento, baseado nas práticas lingüísticas desenvolvidas durante o processo de aprendizagem, tornando o pensamento verbal.

Por fim, de acordo com o autor, “o crescimento intelectual da criança depende do seu domínio dos meios sociais de pensamento, ou seja, da linguagem.” (1934, p. 54), dessa forma, compreende-se que o desenvolvimento do pensamento infantil está intrinsecamente ligado ao domínio da linguagem, que atua como mediadora entre a experiência individual e o contexto sociocultural, ao apropriar-se da linguagem, a criança, além de aprender a se comunicar, pensa de modo mediado e consciente, refletindo a internalização das práticas sociais e culturais que estruturam a vida humana.

3.1 Alfabetização e letramento: como são os processos e quem participa?

A inserção ao letramento a partir das práticas sociais acontece, de maneira indireta, na Primeira Infância. No contexto que as crianças não devem ser alfabetizadas na Educação Infantil, é necessário observar as práticas vigentes no cenário educacional que estimulem o desenvolvimento da linguagem para as crianças a partir das mediações intencionais e as interações sociais. Em vista disso, nota-se a importância da relação entre a família e a escola, considerando que as crianças se desenvolvem melhor em um ambiente que estimule a aprendizagem.

Quando Hannah começou a frequentar a pré-escola bilíngue, ambiente que estimulava a aprendizagem ativa, orgânica e participativa, ela desenvolvia-se a partir das interações consigo, com o outro e com os materiais, visto que a pré-escola realizava muitas atividades relacionadas a música, a arte e a leitura. Além de buscar a participação das famílias no contexto da aprendizagem. Essa experiência, junto às práticas de

alfabetização/letramento realizadas pela mãe no âmbito familiar, foram positivas para que Hannah se desenvolvesse tanto na aprendizagem quanto no autoconhecimento.

Além das habilidades de leitura, escrita e interpretação, a alfabetização desenvolve autonomia e capacidade para a ampliação de recursos de comunicação, interação e compreensão, tornando-a imprescindível para as dinâmicas individuais e, sobretudo, coletivas, especialmente no contexto da Primeira Infância, a qual se aprimora a leitura de mundo.

O processo de alfabetização/letramento provém da educação que, por sua vez, é direito de todos e dever do Estado e da família, em colaboração com a sociedade. De acordo com o artigo “A Contribuição do Papel da Família no Processo de Alfabetização e Letramento das Crianças” de Marquim, Sandini, França (2025), a família possui responsabilidade no desenvolvimento significativo da aprendizagem, através do afeto e práticas cotidianas que instigam, diante do contexto, o diálogo com as vivências e os interesses das crianças, como destacam as autoras (2025, p. 15):

Este entendimento traz consigo a imprescindibilidade das casas serem meios que proporcionem alfabetização e letramento. A aproximação das práticas de leitura e escrita com o cotidiano familiar em que a criança está inserida, permite uma alfabetização aliada ao interesse infantil. (MARQUIM, SANDINI, FRANÇA, 2025, p. 15)

No caso Hannah, a participação da família no processo de alfabetização e letramento, além de estimular o desenvolvimento à aprendizagem e facilitar a inserção no contexto formal da alfabetização, também proporcionou, mediante as práticas emergentes, a aproximação entre mãe e filha, promovendo e oportunizando tempo de qualidade entre as duas, relacionando a intencionalidade educativa com a construção de memórias afetivas.

Portanto, o processo de alfabetização/letramento nas práticas emergentes no contexto da Educação Infantil se dá a partir do contato com elementos presentes no cotidiano da criança, visto que, “[...] a criança inicia sua alfabetização e letramento desde bebê, afinal, ao nascer se depara com um mundo letrado e, com isto, iniciam suas primeiras interpretações.” (2025, p. 15). Além de destacar a relação família-escola, o ensino-aprendizagem concretiza-se nos estímulos que as crianças recebem em casa e a continuidade oferecida pelo contexto escolar.

3.2 Marco legal em torno do nosso problema

3.2.1 Alfabetização e Letramento

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) evidencia que as crianças podem estabelecer relações entre novos conteúdos e os conhecimentos prévios, aqueles que já possuem, capacitando-as para uma aprendizagem significativa. Portanto, é papel do professor considerar os conhecimentos prévios como ponto de partida, a partir da observação das crianças no processo ensino-aprendizagem, podendo, assim, desenvolver atividades com intencionalidade, para que as crianças explicitem seus conhecimentos por meio dos gestos, movimentos corporais, sons produzidos, expressões faciais e formas de expressão, representação e comunicação por meio das diversas linguagens.

Nesse sentido, na aprendizagem deve haver proximidade com as práticas sociais reais, com o objetivo de ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social, a partir das práticas espontâneas relacionadas a alfabetização emergente que buscam viabilizar as práticas sociais, além de, conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 63):

Utilizar as diferentes linguagens ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p. 63).

Hannah, após o contexto pandêmico, quando efetivamente começou a frequentar a Educação Infantil, já havia se desenvolvido significativamente na alfabetização/letramento, os estímulos realizados pela família auxiliaram no processo de ensino-aprendizagem, visto que as práticas emergentes viabilizaram a relação com a realidade vivenciada pela criança, fazendo sentido com as suas experiências. Por esse motivo, destaca-se a importância de inserir a criança no universo letrado, aumentando suas potencialidades e desenvolvendo suas habilidades no contexto social e educacional.

Ainda de acordo com o documento, na Educação Infantil não deve haver “classes de alfabetização”, visto que não é objetivo da primeira etapa da Educação Básica atingir os padrões desejáveis de aprendizagem da leitura e escrita, com caráter de terminalidade.

As práticas de alfabetização emergentes na Educação Infantil baseiam-se nas práticas espontâneas e informais, a partir dos próprios interesses das crianças e dos estímulos dos profissionais de educação e da família, os livros e a contação de história são

importantes nesse processo, especialmente a partir do contato direto com o instrumento da aprendizagem.

Bem como no caso Hannah, onde a aprendizagem acontecia, na Primeira Infância, preferencialmente nas práticas cotidianas informais com a mãe, de maneira lúdica e participativa, de acordo com as curiosidades apresentadas pela criança em diferentes contextos, especialmente a partir do hábito de leitura.

A Base Nacional Comum Curricular (2017) estrutura-se em campos de experiências para as crianças da Educação Infantil, objetivando o desenvolvimento e aprendizagem, o campo ‘escuta, fala, pensamento e imaginação’ aborda as situações comunicativas advindas das interações realizadas pelas crianças. Progressivamente, a partir do enriquecimento do vocabulário, ampliam-se os recursos de compreensão, comunicação e expressão, portanto, de acordo com a BNCC (2017, p. 42):

É importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2017, p. 42)

Mediante as práticas letradas nos diferentes contextos, reconhece-se variados usos sociais da escrita e da leitura, a intencionalidade pedagógica na imersão da cultura escrita na Educação Infantil deve partir da curiosidade das crianças, conseqüentemente, como está disposto na BNCC (2017, p. 42):

Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatuñas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2017, p. 42)

Ainda, Hannah demonstra que sua curiosidade foi o ponto de partida para o desenvolvimento da aprendizagem nos âmbitos educacional e familiar. Essa curiosidade se manifesta no interesse por práticas educativas emergentes, pelos significados, pelas letras e pelas palavras, principalmente a partir dos livros, o que a auxiliou no uso social da linguagem. Conseqüentemente, no processo formal de alfabetização, Hannah já se encontrava integralmente familiarizada com a leitura e a escrita.

Em síntese, entre alguns dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento no campo de experiências ‘escuta, fala, pensamento e imaginação’ na Educação Infantil –

creches e pré-escola – organizados na Base Nacional Comum Curricular (2017) estão “demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor” (2017, p. 49), “expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.” (2017, p. 49), “recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba.” (2017, p. 49) e “produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.” (2017, p. 50). Dessa forma, as práticas letradas são inseridas na vida das crianças, a partir da Educação Infantil, onde estão cercadas e participam de diferentes práticas de alfabetização/letramento.

De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (2019), “literacia é o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, bem como sua prática produtiva.” (2019, p. 21), ou seja, “depende de habilidades adquiridas antes da alfabetização e desenvolvidas e consolidadas depois dela.” (2019, p. 21).

A literacia emergente ocorre antes do processo formal de alfabetização, consiste na aprendizagem de potencialidades acerca da leitura e da escrita e “constitui o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, desenvolvidos antes da alfabetização” (2019, p. 22). Na primeira infância, a literacia começa a surgir na vida da criança em diferentes contextos, conforme a Política Nacional de Alfabetização (2019), “em suma, na literacia emergente incluem-se experiências e conhecimentos sobre a leitura e a escrita adquiridos de maneira lúdica e adequada à idade da criança, de modo formal ou informal, antes de aprender a ler e a escrever.” (2019, p. 22).

Nota-se que a literacia emergente acontece efetivamente durante a Primeira Infância de Hannah, visto que, a criança desenvolveu habilidades socioculturais e potencialidades de leitura e escrita antes do processo formal de alfabetização, sobretudo pelas práticas realizadas pela sua mãe, mas, também, pelos diferentes contextos de desenvolvimento e aprendizagem que a criança foi inserida.

Nesse sentido, a Política Nacional de Alfabetização (2019, p. 22) compara o processo de alfabetização com o crescimento de uma planta:

as habilidades adquiridas pela criança antes da alfabetização seriam como as raízes que lhe favorecem o crescimento, ao passo que a fluência em leitura oral, a compreensão de textos, a escrita conforme as regras ortográficas e com boa caligrafia seriam o seu florescimento. As raízes, nesse caso, formam-se na família e na pré-escola. (POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO, 2019, p. 22)

Evidenciando a importância do desenvolvimento das habilidades e conhecimentos acerca da leitura e da escrita na Educação Infantil e no âmbito familiar, favorecendo o contexto escolar e social, visando o processo de alfabetização formal da criança e toda a sua trajetória escolar, ainda, segundo a Política Nacional de Alfabetização (2019), “são beneficiadas com isso sobretudo as crianças que não tiveram em casa um ambiente rico linguisticamente (NATIONAL EARLY LITERACY PANEL, 2009)” (2019, p. 22).

No trabalho de mestrado *O papel da escola de educação infantil e da família no processo de apropriação da cultura escrita pela criança* (2018), realizado por Máira Cristina Rodrigues, a autora fundamenta-se em autores como Paulo Freire, Vygotsky, Ferreiro e Teberosky e Magda Soares, que compreendem a alfabetização e o letramento como processos sociais e culturais. Esses autores defendem que alfabetizar não se restringe ao ensino mecânico da leitura e da escrita, mas envolve a construção de sentidos e a inserção do sujeito no universo da linguagem escrita.

Entre as conclusões, a autora destaca que a alfabetização deve ocorrer de forma integrada ao letramento, permitindo que as crianças compreendam não apenas o sistema alfabético, mas também o uso social da leitura e da escrita. A pesquisa também evidencia a importância da formação docente continuada, pois a prática pedagógica das professoras reflete diretamente sua compreensão teórica sobre o processo de alfabetização.

3.2.2 A importância da relação família-escola

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) aborda a importância da relação entre família e escola. Os estereótipos atribuídos às famílias e as falsas concepções sobre as dificuldades do processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, quando associado ao contexto familiar, podem ser discriminatórios e impedir o diálogo e parceria entre a instituição e a família. As escolas que agem a partir dessa compreensão, buscam um modelo idealizado de família seguido por padrões preestabelecidos e considerados socialmente adequados, essa ação resulta em afastamento das duas instituições e dificultam o trabalho conjunto em benefício da educação das crianças.

Com fundamento em que não se existe um único modelo de estrutura familiar, considerando as diversas culturas, fundamentações históricas e contextos sociais, as escolas

devem romper padrões de comportamentos discriminatórios e excludentes. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 76):

O Estatuto da Criança e do Adolescente reafirma, em seus termos, que a família é a primeira instituição social responsável pela efetivação dos direitos básicos das crianças. Cabe, portanto, às instituições estabelecerem um diálogo aberto com as famílias, considerando-as como parceiras e interlocutoras no processo educativo infantil. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p. 76).

Em vista disso, a escola deve respeitar as diversidades e desenvolver uma postura ética nas relações humanas, considerando atitudes não discriminatórias e não preconceituosas. Sendo assim, a instituição, a partir dos seus profissionais, deve adotar a capacidade de escuta ativa, observação e aprendizagem com as famílias na Educação Infantil visando o desenvolvimento integral das crianças.

Hannah e a mãe enfrentaram dificuldades relacionadas à permanência da filha na instituição de Educação Infantil, mediante ao sentimento de não pertencimento da criança. Evidenciando a necessidade de compreensão advindas das instituições de ensino, visto que, cada criança é única, o processo de aprendizagem é relativo, não deve ser padronizado.

Ainda, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) considera a inclusão dos conhecimentos familiares no trabalho educativo, de acordo com o documento “não só as questões culturais e regionais podem ser inseridas nas programações por meio da participação de pais e demais familiares, mas também as questões afetivas e motivações familiares podem fazer parte do cotidiano pedagógico.” (1998, p. 79), efetivando a integração dos conhecimentos da família no trabalho pedagógico desenvolvido com as crianças.

A Base Nacional Comum Curricular (2017) na etapa da Educação Infantil, considera, nas creches e pré-escolas, a concepção que vincula educação e cuidado como indissociáveis no processo educativo, nesse sentido, as instituições de Educação Infantil, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 36):

ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar. (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2017, p. 36).

A Educação Infantil envolve aprendizagens significativas próximas aos dois contextos, educacional e familiar, como a socialização e comunicação, além da autonomia.

Diante disso, “para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais.” (2017, p. 36).

O desenvolvimento das habilidades e conhecimentos relacionados à leitura e a escrita, na primeira infância, está intrinsecamente vinculado ao contexto familiar e as práticas de letramento às quais as crianças são expostas. De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (2019, p. 23):

O êxito das crianças na aprendizagem da leitura e da escrita está fortemente vinculado ao ambiente familiar e às práticas e experiências relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita que elas vivenciam com seus pais, familiares ou cuidadores, mesmo antes do ingresso no ensino formal. (POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO, 2019, p. 23)

O conjunto de práticas e experiências relacionadas à leitura e à escrita desenvolvidas e vivenciadas no âmbito familiar denomina-se literacia familiar. Segundo a Política Nacional de Alfabetização (2019, p. 23):

Uma das práticas que têm maior impacto no futuro escolar da criança é a leitura partilhada de histórias, ou leitura em voz alta feita pelo adulto para a criança; essa prática amplia o vocabulário, desenvolve a compreensão da linguagem oral, introduz padrões morfosintáticos, desperta a imaginação, incute o gosto pela leitura e estreita o vínculo familiar (CARPENTIERI et al., 2011). (POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO, 2019, p. 23)

Por ser o contexto que a criança mais vivencia, assim como no caso de Hannah, a família deve ser indissociável do processo educativo, tanto na participação quanto na valorização dos costumes familiares, validando os conhecimentos adquiridos no âmbito familiar e as memórias relacionadas aos responsáveis da criança, incentivando o diálogo e respeito entre a família e a escola.

Da mesma forma, a responsabilidade da família no desenvolvimento integral da criança, em parceria com a escola, deve ser cobrada, fortalecida e reconhecida. Como exemplo, a mãe de Hannah dedicava um tempo para a leitura com a filha diariamente, revelando que a casa da criança é o primeiro espaço de aproximação com os livros e com a leitura, com o incentivo e participação do adulto, podendo fortalecer vínculos familiares e desenvolver habilidades de alfabetização/letramento.

As práticas de literacia familiar são especialmente importantes para a criança na primeira infância, mas devem preservar-se durante toda a trajetória escolar em diferentes contextos e espaços, nas vivências diárias e nas interações lúdicas da infância, como destaca a Política Nacional de Alfabetização (2019, p. 23):

Outras práticas de literacia familiar facilmente incorporáveis ao cotidiano da família são a conversa com a criança, a narração de histórias, o manuseio de lápis e giz para as primeiras tentativas de escrita, o contato com livros ilustrados, a modelagem da linguagem oral, o desenvolvimento do vocabulário receptivo e expressivo em situações cotidianas e nas brincadeiras, os jogos com letras e palavras, além de muitas outras que se podem fazer em casa ou fora dela, na comunidade e em bibliotecas. (POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO, 2019, p. 23)

Portanto, implementar ações e programas que encorajem a família a desenvolver a literacia familiar com as crianças na Educação Infantil, incentivando práticas de leitura e escrita, são fundamentais para a progressão da criança, a partir dos estímulos e auxílio da família, podendo prevenir as dificuldades de aprendizagem no processo formal de alfabetização e favorecer as relações no âmbito familiar, ainda, “até mesmo pais ou cuidadores não alfabetizados podem realizar práticas simples e eficazes de literacia familiar quando bem orientados (CARPENTIERI et al., 2011).” (2019, p. 23).

No trabalho de pesquisa *Práticas de letramento familiar e suas interfaces com a Educação Infantil* (2021), realizado por Karoline Batista dos Santos, a autora fundamenta-se nos estudos de Magda Soares (2004), que conceitua o letramento como o uso social da leitura e da escrita, e também nas ideias de literacia emergente e literacia familiar, conforme o Plano Nacional de Alfabetização (PNA, 2019).

A autora conclui que o letramento literário deve ser compreendido como uma construção social e cultural, iniciada nas vivências familiares e ampliada no contexto escolar. Destaca, ainda, que o educador tem papel essencial ao reconhecer o valor da literatura na formação integral da criança e ao promover experiências que despertem o prazer e o hábito da leitura desde a infância. Assim, o estudo indica que políticas públicas como essa coleção contribuem significativamente para o desenvolvimento do letramento familiar e literário, desde que haja o envolvimento consciente dos adultos e a intencionalidade pedagógica nas ações educativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidentemente, após a investigação dos processos de alfabetização/letramento emergentes na Educação Infantil a partir da relação família-escola, priorizando a voz da família no processo, mediante a entrevista realizada com a mãe de Hannah, a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa e narrativa, nota-se que a família participa dos interesses das crianças nos processos de alfabetização e letramento quando estimula e oferece recursos para o processo de desenvolvimento e aprendizagem desde o nascimento da criança. Nas práticas emergentes de alfabetização/letramento devem haver intencionalidade pedagógica no âmbito educacional e familiar, visando o desenvolvimento integral da criança.

Nas práticas familiares informais, espontâneas ou dirigidas, a alfabetização acontece de maneira direta e indireta, visto que, pode haver explicações de conceitos e significados a partir da própria curiosidade da criança, como foi bastante evidenciado no caso Hannah, mas, também, acontece através da própria percepção da criança quando exposta a diferentes contextos sociais, culturais e educacionais. Demonstrando que o letramento familiar promove práticas de alfabetização emergentes. “Portanto, é notória a relevância da alfabetização para o desenvolvimento humano, sendo imprescindível para as relações sociais, contribuindo efetivamente para o pensamento crítico e ampliando as percepções para uma melhor leitura de mundo.” (MARQUIM; SANDINI; FRANÇA, 2025, p. 3)

Dessa maneira, a família incentiva a alfabetização e letramento da criança, desde muito pequena, quando estimula o desenvolvimento das habilidades como comunicação, interpretação, leitura de textos, contagem de números etc., nas práticas sociais, no convívio em casa, nos espaços que a criança transita com a família e no contexto educacional. Conforme explicitado na Política Nacional de Alfabetização (2019), “as práticas de literacia familiar são especialmente importantes para a criança de até seis anos, mas podem e devem ir além, enquanto ela progride nos níveis de literacia com o estímulo e auxílio da família.” (2019, p. 23)

Conforme o estudo do caso Hannah, podemos concluir que as práticas de alfabetização/letramento emergentes realizadas no contexto familiar auxiliam positivamente no desenvolvimento da aprendizagem e facilitam o ingresso no processo formal de alfabetização com início no primeiro ano do Ensino Fundamental. A criança que possui estímulos e recursos em casa, desenvolve habilidades sociais, culturais, relacionais

e educacionais, além de fortalecer vínculos com os seus familiares e apresentar maiores interesses em atividades extracurriculares, além do possível gosto pela leitura.

Embora as evidências sejam positivas no aspecto relacional família-criança, observou-se que Hannah apresentou diversas dificuldades vivenciadas no contexto escolar, mediante as práticas de desenvolvimento e aprendizagem realizadas em casa, especialmente pela sua mãe, que sempre demonstrou preocupação com o desenvolvimento integral da filha.

Hannah, na Educação Infantil, apresentava sentimentos de deslocamento e não pertencimento, visto que, as suas habilidades e potencialidades eram diminuídas para a padronização imposta à turma. A homogeneização das crianças desconsiderava seus próprios modos de aprender, sobretudo porque os colegas não apresentavam o mesmo processo de desenvolvimento, inclusive não eram oferecidos os mesmos estímulos e recursos no âmbito familiar para todos, o que acabava limitando as expressões e avanços de Hannah.

Para Farinelli, no artigo Dificuldades de aprendizagem/transtornos de aprendizagem na alfabetização no município de Paranaíba-MS, “[...] é preciso ter em mente que não é na instituição de ensino que a criança tem o seu primeiro contato com o objeto da escrita. Na escola, é necessário levar em consideração a bagagem cultural”. (2017, p. 42), ou seja, o processo de alfabetização/letramento é sustentado pelas práticas que a criança já vivencia em seu cotidiano, especialmente no contexto familiar. Assim, a instituição de ensino e a prática pedagógica da profissional de educação precisa reconhecer e valorizar os conhecimentos prévios adquiridos pelas crianças em outros contextos, promovendo aprendizagens mais significativas.

A pesquisa apoiou-se na percepção da importância da relação família-escola e das práticas emergentes realizadas pela família durante o processo de desenvolvimento infantil, visando a parceria e proximidade da família e da escola, especialmente na Primeira Infância, contexto em que se vivencia a etapa da Educação Infantil. Tendo como objetivo principal investigar os processos de alfabetização/letramento emergentes na Educação Infantil a partir da relação família-escola, priorizando a voz da família no processo.

No presente estudo, o método de coleta de dados utilizado foi a entrevista com a informante, a mãe de Hannah, entendida, conforme Minayo (1990), como uma conversa intencional entre pesquisador e participante, direcionada à obtenção de informações

relevantes, a partir da comunicação verbal e dos significados expressos nas falas, de maneira estruturada, a partir de um roteiro de entrevista, utilizando como contexto a casa da criança e os espaços educativos que a mesma frequenta.

A presente pesquisa conduziu-se a partir do estudo do caso da Hannah, apresentando uma abordagem qualitativa, a pesquisa permite a compreensão de como os fenômenos se manifestam nas práticas e interações cotidianas, a partir da perspectiva da mãe de Hannah, considerando os sentidos atribuídos às suas experiências, tendo a pesquisadora como principal fonte de coleta. De acordo com Minayo (1993), essa modalidade de pesquisa trabalha com o universo de significados, valores, crenças e motivações, buscando interpretar a realidade a partir da perspectiva dos sujeitos e de suas experiências. Utilizando a análise temática como método qualitativo, buscando identificar e interpretar as experiências narradas pela informante.

Além da abordagem qualitativa, a investigação desenvolve-se, também, sob uma abordagem narrativa. Segundo Pereira (s.d.), a pesquisa narrativa reconhece o sujeito em sua temporalidade, espacialidade e subjetividade, entendendo as narrativas como processos que promovem reflexão, transformação e reavaliação das experiências de vida. A natureza narrativa na presente pesquisa privilegiou a escuta sensível, a singularidade da trajetória e a valorização das experiências vividas a partir do relato da mãe de Hannah, permitindo o fortalecimento e a ressignificação das histórias.

Diante o exposto, considerando os resultados da pesquisa a partir dos objetivos e perguntas-problema, a pesquisa demonstrou que a participação da família no processo de alfabetização/letramento da criança na Educação Infantil priorizando as práticas informais e espontâneas, acontece de forma efetiva quando contribui significativamente para o desenvolvimento integral e a aprendizagem ativa da criança, fortalecendo a perspectiva da construção de conhecimentos a partir de suas experiências no cotidiano familiar e educacional.

Além disso, evidenciou a necessidade de uma relação família-escola centralizada no desenvolvimento integral da criança, respeitando os processos de aprendizagem, as diferenças, os conhecimentos prévios e as experiências vivenciadas em outros contextos, a partir do diálogo com a família, buscando a formação de um sujeito com pensamento crítico e agente transformador.

Nesse sentido, destaco a importância da continuidade das pesquisas nesse tópico de estudo, os resultados demonstram que a escola ainda apresenta dificuldades para lidar com crianças que possuem estímulos e recursos oferecidos no âmbito familiar que auxiliam positivamente no seu desenvolvimento e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Divulgados os resultados do Pisa 2022**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/acoes-internacionais/divulgados-os-resultados-do-pisa-2022>. Acesso em: 30 set. 2025.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **PISA 2022 – Brasil: apresentação de resultados**. Brasília: Inep, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2022/apresentacao_pisa_2022_brazil.pdf. Acesso em: 30 set. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, [2019]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 24 out. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, 2019. 54p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Saeb traz panorama em Matemática e Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/maio/saeb-traz-panorama-em-matematica-e-lingua-portuguesa>. Acesso em: 30 set. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC, 2017.
- CASTRO, M. A. de; ALVES, M. M.; CASTRO, D. D. de. Educação infantil e pandemia: família e escola em tempos de isolamento social. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6679>. Acesso em: 12 nov. 2025.
- COSTA, Eliane da S.; CAMARGO, Daniela M. de. ALTAS HABILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo bibliográfico sobre o comportamento de crianças que apresentam Altas Habilidades no contexto da educação infantil, e o papel de educadores e familiares. **Caderno de Diálogos**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 88-98, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.faculdefamart.edu.br/index.php/cadernodedialogos/article/download/184/97>>. Acesso em: 10 dez. 2025.
- FARINELLI, R. **Dificuldades de Aprendizagem/Transtornos de Aprendizagem na Alfabetização no Município de Paranaíba/MS**. 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - UEMS. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5072924. Acesso em: 22 nov. 2025.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana; **Psicogênese da Língua Escrita**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 1985. p. 18-299.

FREIRE, Paulo; **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1989. p. 1-49.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57–63, mar./abr. 1995.

MARQUIM, K. T. N.; SANDINI, S. P.; FRANÇA, E. J. F. de. A Contribuição do Papel da Família no Processo de Alfabetização e Letramento das Crianças. **Revista FormAção**, v. 1, n. 1, p. 96–113, jan./jun. 2025.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

NAEEM, M. et al. Um processo passo a passo de análise temática para desenvolver um modelo conceitual em pesquisa qualitativa. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 22, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/16094069231205789>. Acesso em: 10 out. 2025.

OLIVEIRA, Leonardo Davi Gomes de Castro. **Pesquisa narrativa e educação: algumas considerações**. Simpósio de Formação de Professores, p. 12147–12159, 2016. Disponível em: 23688_11993_-_Pesquisa_narrativa_e_Educação[1].pdf. Acesso em: 10 out. 2025.

PEREIRA, Monalisa Rodrigues. **Uma introdução à pesquisa narrativa no Grupo de Pesquisa Narrativa em Educação**. [s.d.] Disponível em: Pereira, sd. UMA_INTRODUCAO_A_PESQUISA_NARRATIVA[1].pdf. Acesso em: 10 out. 2025.

RODRIGUES, Máira Cristina. **O papel da escola de educação infantil e da família no processo de apropriação da cultura escrita pela criança**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Minas Gerais, 2018. Disponível em: <https://dspace.uniube.br:8443/bitstream/123456789/1215/1/M%c3%81IRA%20CRISTINA%20RODRIGUES.pdf>. Acesso em: 1 out. 2025.

SANTOS, Karoline Batista dos. **Práticas de letramento familiar e suas interfaces com a educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021. Disponível em: <https://dfe.uem.br/tcc/pedagogia/arquivos/2020/49-karoline-batista-dos-santos.pdf>. Acesso em: 1 out. 2025.

SOARES, Magda; **Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 9-350.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; **Pensamento e Linguagem**. Edição. [S.l.]: Ridendo Castigat Mores, 1934. p. 8-159.

PARTE III

Perspectivas Profissionais – Livia Alves de Amorim da Costa **Expectativas para o meu futuro profissional**

Me movo como educador, porque, primeiro,
me movo como gente.
- Paulo Freire

A licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Brasília é uma experiência, acima de tudo, humanizadora. O período de graduação desperta o sentimento de pertencimento, especialmente a partir da identificação com a educação e as expectativas de uma educação integralmente transformadora. As vivências acadêmicas, no contexto geral, proporcionam reflexões acerca das relações sociais, políticas e culturais que evidenciam a importância da educação como ponto de partida, na perspectiva da formação de sujeitos com pensamento crítico.

O papel da Faculdade de Educação, na universidade pública, perpassa conceitos científicos e acadêmicos, expressando que é indissociável a aprendizagem e a realidade, o aprendido e o vivido, a teoria e a prática, nesse sentido, é fundamental observar os contextos que determinam o processo de ensino-aprendizagem e a relação da educação com a sociedade. Faz-se necessário uma sociedade que seja transformada pela educação, principalmente a partir do direito de educação para todos, que se manifestam na Universidade de Brasília. O espaço acadêmico me proporcionou reflexões humanizadas, empáticas e acolhedoras, além dos conhecimentos acadêmicos, indispensáveis para a formação.

Nesse sentido, percebo a necessidade e importância de educadores comprometidos não somente com a educação integral dos sujeitos, mas com os impactos significativos da educação para uma sociedade transformada pelo conhecimento. Por isso, o contexto escolar é a minha perspectiva profissional, atuar diretamente com as crianças e impactar, de alguma maneira, às suas realidades, demonstrar a importância da educação é o que me move. Pretendo prestar concurso público para a Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal, bem como de outros estados. Como forma de gratidão aos professores que passaram pela minha trajetória educacional na Educação Básica e Superior e evidenciaram o quanto a educação é imprescindível ao mundo, tornando-me encantada pelo universo pedagógico e a possibilidade de ser uma agente transformadora. Os professores foram essenciais no meu caminho e eu almejo iluminar os caminhos das crianças.

APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro de Entrevista

BLOCO A – práticas no contexto familiar que estimulam a processos emergentes de alfabetização/letramento

1. Rotinas da casa e da família com as crianças (em casa e outros espaços)
2. Como eles interagem entre si e entre as crianças e os adultos)
3. O que eles fazem (entre si e com os adultos)
4. Como faz a gestão do tempo com as crianças e administra as atividades das crianças (pontos positivos e desafios)?
5. Em que momento a leitura e a escrita faz parte da vida da casa/família?
6. Relação com os livros e as histórias
7. Relação com a produção de desenhos, escrita
8. Como as crianças são semelhantes e diferentes nesse processo (me conta um exemplo, um episódio em que isso acontece)

BLOCO B - Sobre a relação família-escola no processo de alfabetização/letramento

9. Quando você percebe que está participando da aprendizagem das crianças?
10. Como você acha que as crianças podem ser preparadas desde pequeninhas para o processo de letramento na escola?
11. Como cada uma das suas crianças tem vivenciado essas práticas letradas na escola de forma diferente?
12. Como a escola busca a participação da família?

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Departamento de Teoria e Fundamentos
Área: Psicologia da Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO

Meu nome é Livia Alves de Amorim da Costa¹, aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB nº. 211048868, CPF 059.228.581-22. Estou realizando uma pesquisa sobre “Participação da família no Processo de Alfabetização Emergente da criança na Educação Infantil priorizando as práticas informais e espontâneas”, sob a orientação da Profª Drª Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire². O principal objetivo é analisar a motivação para as práticas letradas como fator potencializador do desenvolvimento na aprendizagem na educação infantil.

Para isso, gostaria de contar com a sua participação em minha pesquisa, concedendo-me uma entrevista individual, preferencialmente, por meio de um encontro presencial.

Em nosso encontro, conversaremos sobre as práticas e vivências que a família oferece para a criança, como a família percebe a motivação da criança para aprender e como a escola inclui a participação da família no processo escolar da criança.

Qualquer dúvida em relação ao estudo você pode contatar por meio do e-mail e telefone a mim ou a minha orientadora.

A sua participação é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa. Desde já, agradeço sua inestimável contribuição.

confirmo minha participação e

autorizo a gravação da minha entrevista para fins de análise no âmbito deste estudo

Local e data: _____

Nome da participante: _____

RG ou CPF: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Assinatura: _____

¹ Contato: Livia Alves – 6198645-2252 – E-mail: livia.costa0402@gmail.com

² Contato: Profª Drª Sandra Ferraz – E-mail: sandra.ferraz@gmail.com